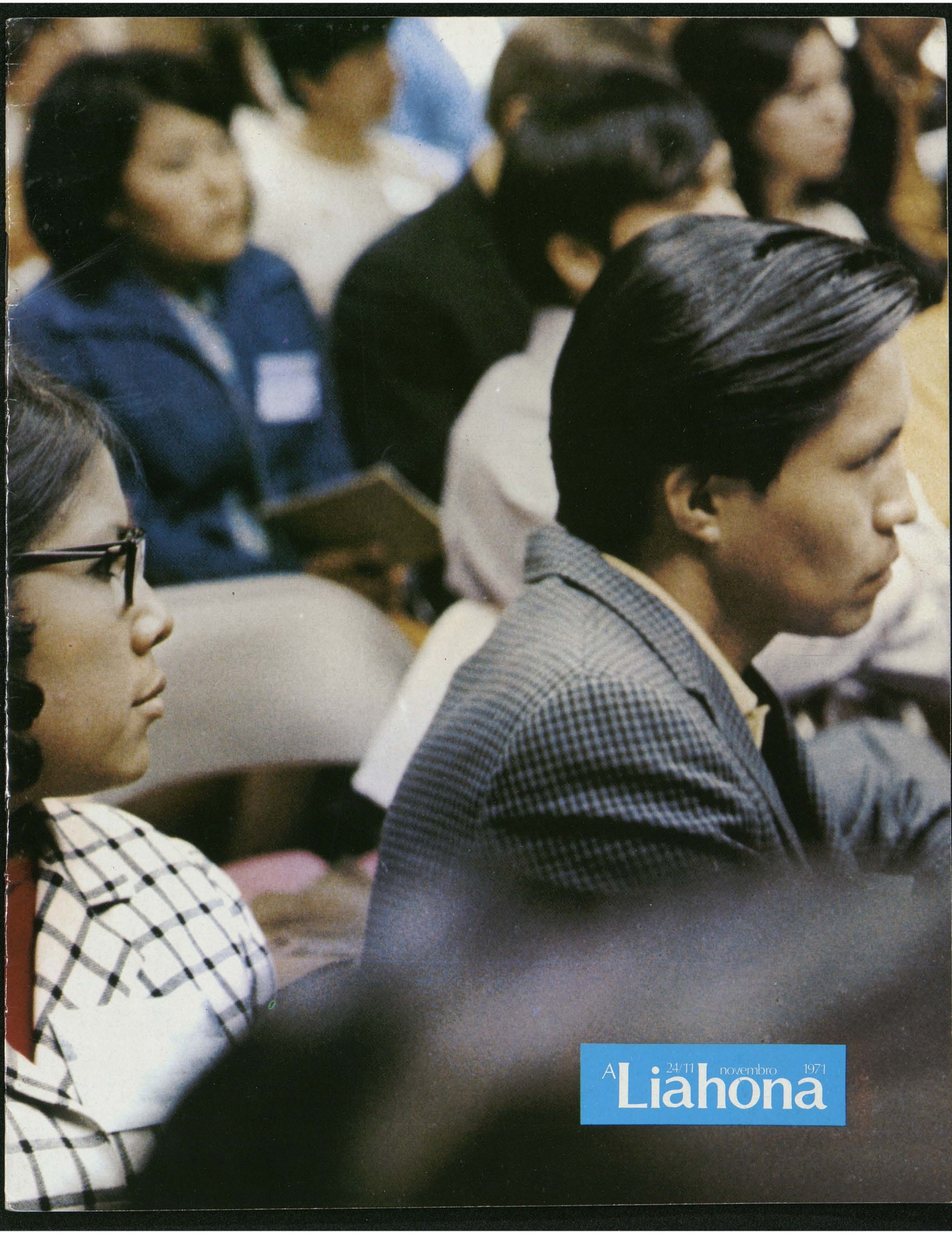


A Liahona 24/11 novembro 1971

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO



Alvin R. Dyer
Assistente do Conselho dos Doze

Acredito que se possa fazer distinção entre humildade e mansuetude. Poder-se-ia dizer que mansuetude é uma condição de humildade voluntária. O Profeta Alma parece ter reconhecido essa distinção, pelo que se deduz do seguinte trecho:

"E agora, como vos disse, porque fôstes compelidos a vos humilhar, fôstes abençoados; e não vos parece que serão mais abençoados ainda os que verdadeiramente se humilham por causa da palavra?

"Sim, aquêle que verdadeiramente se humilha e se arrepende de seus pecados, perseverando até o fim, êsse será abençoado; sim, será muito mais abençoado do que o que fôr compelido a se humilhar devido a sua extrema pobreza.

"Portanto, abençoados são os que se humilham sem a isso serem compelidos; ou, em outras palavras, abençoado é aquêle que acredita na palavra de Deus e é batizado sem obstinação; sim, sem ter sido levado a conhecer a palavra ou mesmo sem ser compelido a saber antes de crer." (Alma 32:14-16)

É o bom e honesto de coração entre os homens do mundo que mais prontamente responde à mensagem da Restauração, segundo lhe é declarada pelos missionários que a trazem. E sendo de fato convertidos espiritualmente, tornam-se e são os mais fiéis entre os santos dos últimos dias.

Neste Número:

Mensagem de Inspiração. Alvin R. Dyer 2

Jovens Companheiros de Trabalho. Pres. Joseph Fielding Smith 3

Os Lamanitas e a Igreja. M. Dallas Burnett 5

DE LINHAGEM REAL. Spencer W. Kimball 7

O DESPESTAR DA GUATEMALA. Barbara Tietjen Jacobs 12

Siga os Pontos, Ajude o passarinho a voltar... 17

UMA VERDADEIRA NAVAJO. Sherrie Johnson 18

Perguntas & Respostas. 21

Algumas Coisas que Devemos... ElRay L. Christiansen 23

VIDAS TRANSFORMADAS. Edwin O. Haroldsen 26

Uma Noite sem Condução. Margaret. Bromley 28

Penalidades Inevitáveis. Richard L. Evans 31

Capa

As faces captadas fotogràficamente por Eldon Sinschotem para a capa dêste número d'A Liahona, pertencem a alguns dos jovens que participam dos extensivos programas da Igreja, destinados aos lamanitas. A partir da pág. 5, há três artigos especiais sôbre os lamanitas na Igreja e no mundo.

A Liahona 24/11 novembro 1971

Publicação Mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675 — 282-5948

EDITOR
Hélio da Rocha Camargo

REDATOR
Aldo Francesconi

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Nívio Varella Alcover

MISSÃO BRASIL CENTRAL
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Michael Deputy

MISSÃO BRASIL SUL
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RS
Tel. 24-9748

CORRESPONDENTE
Robert Levonian

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Richard Stayner

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 288-4118

CORRESPONDENTE
Manoel Marcelino Netto

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, Rua Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria oriunda dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatural anual para o Brasil: Cr$ 12,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,20; exemplar atrasado: Cr$ 1,50. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.

A mensagem deste mês do Presidente Joseph Fielding Smith é dirigida à juventude da Igreja, tendo porém significado e aplicação para os membros de tôdas as idades.

Jovens Companheiros de Trabalho



Pres. Joseph Fielding Smith

Refleti bastante sôbre o que poderia dizer nesta mensagem dirigida a vocês. Penso que conseguirei expressá-lo melhor, recordando algumas experiências pessoais. Quase tôdas aconteceram há um punhado de anos; mas, embora pertençam a um outro período e tempo, têm algo em comum com as experiências e tentações que enfrentamos nos dias de hoje. Espero que reconheçam quão importantes estas verdades se fazem na vida de vocês.

Quando menino, tínhamos uma égua chamada Junie, um dos animais mais inteligentes que me foi dado conhecer. Ela parecia possuir qualidades quase que humanas. Eu não conseguia mantê-la prêsa na cocheira, pois infalìvelmente conseguia abrir a cancela de sua baia. Eu costumava enfiar a alça atada à meia-porta da baia sôbre a extremidade superior do poste; ela, porém, simplesmente a levantava com o focinho e os dentes, e depois saía para o pátio.

No pátio, havia uma torneira para encher de água o cocho dos animais. Junie abria-a com os dentes e depois largava a água correndo. Meu pai sempre me repreendia por não conseguir mantê-la prêsa. Ela, porém, nunca fugia; apenas abria a torneira e depois ficava perambulando pelo pátio, sôbre o gramado ou pela porta. No meio da noite, eu acordava com o som de água correndo e tinha que levantar-me para fechar a torneira e colocar Junie na cocheira.

Meu pai dizia que a égua parecia mais esperta do que eu. Um dia, decidiu prendê-la pessoalmente, de modo que não pudesse soltar-se. Pegou a alça que geralmente era enfiada por cima do poste e amarrou-a em tôrno dela, por baixo de uma travessa, dizendo: "Agora veremos, mocinha, se você consegue sair desta vez!" Papai e eu saímos da cocheira, dirigindo-nos para casa, mas antes de atingi-la, lá estava Junie, caminhando ao nosso lado. Em seguida, voltou-se e foi novamente abrir a torneira.

Sugeri então que agora, talvez, ela era tão esperta como qualquer de nós. Simplesmente não conseguíamos evitar que Junie saísse de sua baia. Mas, isto não quer dizer que ela era má, pois de fato não era. Papai não desejava vender ou trocá-la por outro animal, porque tinha tantas outras boas qualidades, que compensavam essa pequena falha.

Ela era tão dócil e digna de confiança ao puxar nossa charrete, quanto amiga de fugir da cocheira. E isto era muito importante, pois mamãe era parteira licenciada. Quando era chamada a atender uma parturiente em alguma parte do vale, geralmente no meio da noite, eu tinha que levantar-me, pegar uma lanterna e atrelar Junie à charrete.

Naquele tempo, eu contava uns dez ou onze anos de idade, e tinha que ser a égua dócil e no entanto bastante forte para nos levar por todo o vale, fôsse qual fôsse o tempo. Não obstante, havia uma coisa que nunca consegui entender — porque a maior parte dos bebês tinha que nascer durante a noite e geralmente no inverno.

Muitas vêzes, era obrigado a esperar mamãe na charrete e então, era

bom contar com a companhia amigável da velha Junie. Tal experiência com aquela égua foi muito boa para mim, pois bem cedo na vida tive que aprender a amar e apreciá-la pelo que ela era: um ótimo animal com apenas uns poucos hábitos inconvenientes. As pessoas são bastante parecidas com ela. Ninguém é perfeito; no entanto, cada um de nós tenta aperfeiçoar-se, tornando-se como o Pai que está nos céus. Precisamos apreciar e estimar as pessoas pelo que elas são.

Talvez seja bom vocês lembrarem-se disso ao avaliarem seus pais e professôres, ou os líderes da ala e estaca, e seus amigos — ou irmãos e irmãs. Nunca me esqueci daquela lição — ver o lado bom das pessoas, mesmo quando estamos tentando ajudá-las a vencer um ou dois hábitos maus.

Mais tarde, compreendi quão difícil se torna, freqüentemente, a desistência de algo que realmente apreciamos. Sempre gostei de esportes, especialmente de jogar bola com meu irmão David. Certo dia, deixei o campo de futebol transpirando em bicas e o rosto afogueado. O Dr. Plummer, um não-membro amigo meu, esperava-me junto ao meu armário, e olhando-me, comentou: "Irmão Joseph, se você não largar êsse jôgo, um dia dêsses cairá morto, exatamente como Fulano de Tal."

Foi um golpe duro. Todos os dias tinha vontade de jogar um pouco de futebol. Sempre que olhava pela janela do escritório, via o Ginásio Deseret vizinho e vinha-me o desejo de jogar. Mas, mantive-me firme. Pouco depois, visitei o Dr. Plummer, que indagou:

— Irmão Joseph, continua jogando futebol?

— Dr. Plummer, quando me disse que parasse, parei e nunca mais voltei à cancha.

Isto pareceu alegrá-lo, mas os colegas de jôgo ficaram aborrecidos. Vieram a mim, dizendo:

— Nós precisamos de você. Você estragou o time!

— Sinto muito — respondi — mas para mim, acabou.

Apreciava aquêle jôgo mais do que posso dizer. Quase que ansiava por jogar, mas aprendera que não era bom para mim, na minha idade. Naquela ocasião, consegui compreender um pouco melhor quão difícil é para um converso abandonar alguma atividade ou hábito de que tenha gostado por longos anos, antes do batismo.

Aprendi por experiência própria que, quando se quer mudar, mudar de verdade, a gente o consegue. Nossa consciência e as Escrituras nos dizem pelo que viver — e nos ensinam quais os hábitos que devemos esquecer em prol de nosso bem-estar e do progresso eterno.

Isaías, um dos grandes profetas dos tempos antigos, viu nossa época e descreveu as condições que prevalecem nestes últimos dias. E agora, nos dias atuais, suas profecias estão sendo cumpridas.

Ao percorrer as ruas a caminho dos escritórios da Igreja, vejo mulheres, tanto jovens como maduras, muitas delas "filhas de Sião", trajadas com falta de modéstia. Compreendo que os tempos e a moda se modificam. Ainda assim, isso me recorda os tempos em que frequentava a "Salt Lake Stake Academy" e, mais tarde, a "Latter-Day Saints University".

Os trajes das môças cobriam-nas inteiramente da cabeça aos pés — usavam blusas fechadas e saias até o tornozelo. Lembro-me de um incidente acontecido, quando um grupo de estudantes — môças e rapazes — fêz uma breve excursão ao "City Creek Canyon". Ao tentar uma subida um tanto íngreme, uma das jovens escorregou e sua saia embaraçou-se num galho, expondo a perna até os joelhos. Ela ficou tão embaraçada, que quis afastar-se do grupo e voltar para casa. Foi preciso que as outras a persuadissem a esquecer o incidente e continuar o passeio.

Hoje em dia, é bem mais comum ver-se um joelho exposto do que naquela época, e não pretendo afirmar que a môça que usa uma saia curta é má, mas apenas tento reviver um sentimento que deveríamos possuir.

O princípio da modéstia e da propriedade continua o mesmo desde aquêles tempos. Os padrões pretendidos pelas Autoridades Gerais da Igreja são que as mulheres, e também os homens, vistam-se com modéstia. Sempre são ensinados a conduzirem e trajarem-se com a devida modéstia.

A meu ver, quando as "filhas de Sião" se trajam sem modéstia, isto depõe tristemente contra elas. Ademais, êste comentário se aplica tanto aos homens quanto às mulheres. O Senhor deu mandamentos à antiga Israel de que tanto os homens como as mulheres deveriam cobrir seus corpos e observar a lei da castidade, em tôdas as ocasiões.

Faço um apêlo em favor da modéstia e da castidade; que todos os membros da Igreja, tanto homens como mulheres, sejam castos, puros e obedientes aos convênios e mandamentos que o Senhor nos deu.

De cada um dêsses pequenos incidentes em minha vida, aprendi alguns princípios da verdade, alguma expressão da sabedoria do Senhor que se torna útil em nosso caminho para a perfeição. O objetivo de estarmos aqui é cumprir a vontade do Pai como é ela cumprida nos céus, trabalhar em retidão, vencer a iniquidade, superar as imperfeições, tornando-nos, assim, os santos e servos do Senhor sôbre a terra.

Aprendi cedo na vida a amar os outros e a não julgá-los, tentando sempre sobrepujar minhas próprias fraquezas. E quando tive que abandonar os esportes, aprendi também a compreender a luta alheia para vencer hábitos arraigados.

Assim como o hábito inconveniente de Junie diminuía um pouco de seu valor, também o uso de trajes imodestos, o que poderá parecer coisa de somenos, diminui algo de nossas môças e rapazes na Igreja. Simplesmente torna mais difícil manter os princípios eternos pelos quais todos devemos viver, se quisermos retornar à presença de nosso Pai nos céus.

Presto meu testemunho a vocês. Eu sei que Deus vive. Sei que Jesus Cristo é o Unigênito do Pai na carne. Tenho uma fé perfeita na missão do Profeta Joseph Smith e na dos que o sucederam.

Sei que possuímos a verdade do Evangelho eterno de Jesus Cristo, tão certamente como sei que vivo. Se eu não o soubesse, não desejaria achar-me aqui ou ter algo a ver com esta obra. Mas eu o sei com tôdas as fibras de meu ser. Deus mo revelou. Que o Senhor os abençoe a todos, é minha humilde oração.

Os seminários para os índios proporcionam experiências e treinamento religioso aos jovens, desde o curso elementar até o secundário.

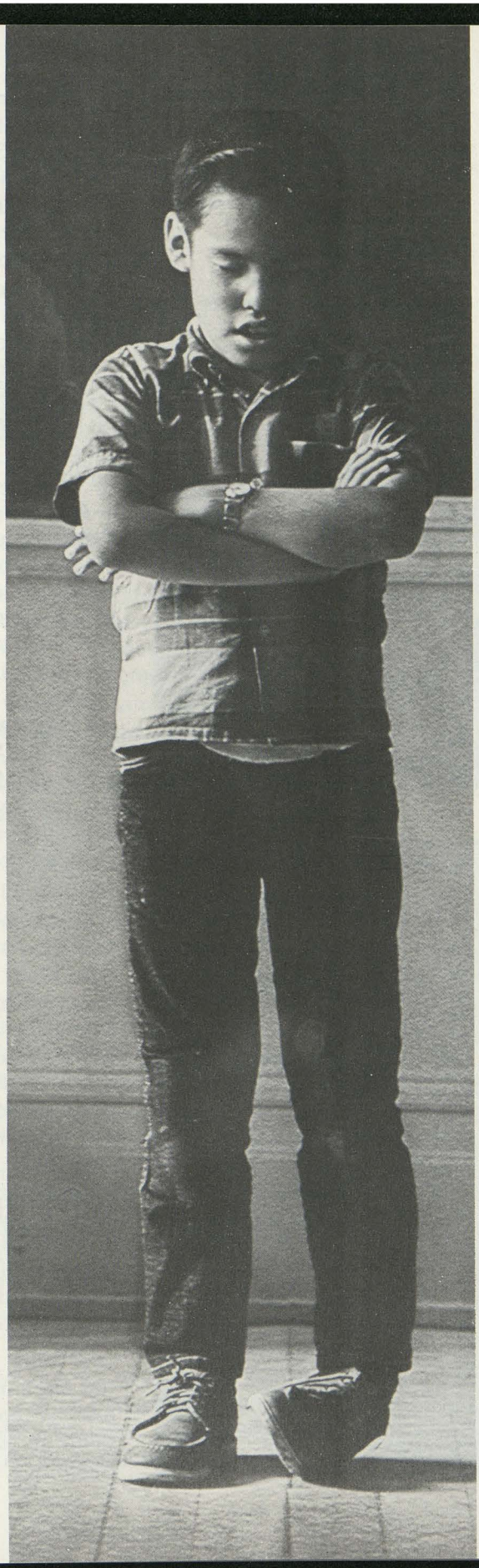
Os Lamanitas e a Igreja

M. Dallas Burnett

Uma neve precoce co-bria as plantações de beterraba nos arredores de Richfield, Utah, nos fins do outono de 1947. Quase todos os índios que cultivavam os campos haviam deixado o vale. Entre os poucos remanescentes que desenterravam as beterrabas da terra congelada achava-se Helena, jovem de dezesseis anos. Continuava ali, não porque desejava colher beterrabas, mas para assegurar a educação que não teria, se voltasse para casa.

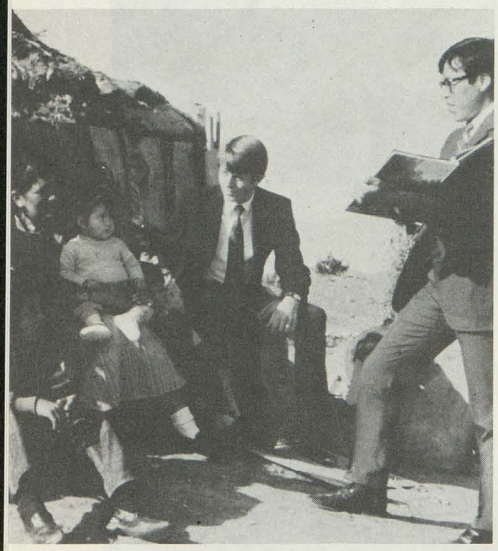
Helena pediu a uma das famílias locais permissão para armar sua tenda no quintal, a fim de poder ficar na cidade e frequentar a escola. Tal pedido aconteceu logo após aquela família ter comparecido a uma conferência de estaca, na qual Golden Buchanan[1] falara acerca das condições dos indígenas.

A coincidência desses dois incidentes resultou em consulta ao Élder Spencer W. Kimball do Conselho dos Doze, sua visita a Richfield e a subsequente aceitação de Helena no lar dos Buchanan.



O Programa de Colocação de Estudantes Lamanitas inclui exames médicos antes de os índios partirem com seus pais adotivos para o ano escolar.

Muitos dos missionários que pregam o Evangelho entre êsses povos são, êles próprios, lamanitas.





No outono seguinte, nove jovens lamanitas foram aceitos em lares SUD. Foi assim que um início informal resultou no "Indian Student Placement Program" (Programa de Colocação de Estudantes Lamanitas. N. do T.), que afetou a vida de mais de cinco mil escolares lamanitas no último ano letivo. Poderia ainda ser identificado como um novo despertar para os lamanitas e seu destino profético por parte dos membros da Igreja.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias possui um entendimento teológico e filosófico único acerca dos povos americanos, conhecidos como índios, e dos descendentes de Léhi, um israelita que abandonou Jerusalém e veio para as Américas por volta de 600 A.C. (Veja 3 Néfi 21:2) O Livro de Mórmon, um registro das revelações recebidas por esses povos antigos, encerra grandes promessas para os lamanitas.

Essas promessas proféticas induziram Joseph Smith, que traduziu e publicou o Livro de Mórmon em 1830, a levar o Evangelho aos lamanitas nos primórdios da existência da Igreja. E desde aí, êle tem sido pregado aos povos chamados lamanitas.

Das primeiras atividades de proselitismo iniciadas por Joseph Smith, dos hábeis contatos sociais levados a efeito por Brigham Young, quando os santos se estabeleceram em Utah, e da acolhida de uma garota índia em Richfield, resultou um amplo conjunto de programas em favor dos índios, tanto de cunho teológico como temporal.

Hoje em dia, mais do que nunca, a Igreja está difundindo o Evangelho entre os lamanitas, proporcionando-lhes educação religiosa e secular e procurando ser um catalizador da emergência econômica desse grande povo.

Os administradores do programa de colocação sentem que um dos seus principais resultados é dar ao estudante lamanita um melhor conceito próprio sem tentar transformá-lo em homem branco, do que às vezes o acusam. Além do mais, esses jovens disseminados pelas unidades da Igreja não podem deixar de concorrer para a eliminação das barreiras dos preconceitos eventualmente existentes entre os brancos.

As escolas da Igreja no Pacífico e na América Latina oferecem uma contribuição para a vida espiritual e temporal dos santos dos últimos dias naquelas áreas, talvez difícil de ser apreciada pelos membros das estacas centrais.

Possivelmente o mais importante que poderia ser alegado em favor dos programas da Igreja destinados aos lamanitas é que estão promovendo liderança e vigor entre essa gente. O Evangelho de Jesus Cristo leva homens e mulheres a uma maior medida de seu potencial, e não existe outro setor em que isto se torne mais evidente do que entre os membros lamanitas da Igreja.

Por outro lado, estão-se desfazendo os vestígios de paternalismo e preconceito entre os demais membros da Igreja.

1. Golden Buchanan — 1948: Coordenador da Igreja para os Lamanitas; 1951: Presidente da Missão Sudoeste Lamanita.

DE LINHAGEM REAL

Spencer W. Kimball
Presidente em Exercício do Conselho dos Doze

O presente artigo foi adaptado de um discurso proferido na Conferência de Jovens Lamanitas, em Salt Lake City, a 24 de abril de 1971. Peter MacDonald, presidente do Conselho Tribal Navajo, foi um dos outros oradores da conferência. É a êle que cabe a referência inicial.

Agradou-me ouvir o Sr. MacDonald declarar que é um "lamanita". Nós sempre o soubemos, mas ignorávamos se êle o sabia. E talvez principalmente em proveito dêle diríamos que muitos, muitos de nós são lamanitas, o que inclui os índios e as mesclas dêstes com outras raças. Mesmo eu tenho sido adotado por algumas tribos indígenas e recebido nomes índios. É com orgulho que digo aos que me procuram no escritório que os lamanitas são descendentes de um certo Léhi que saiu de Jerusalém seiscentos anos antes de Cristo e que, com sua família, cruzou o grande mar, vindo ter às Américas. E êsse Léhi e sua família tornaram-se os ancestrais de tôdas as tribos de índios e mestiços das três Américas e das ilhas do mar, pois, no decorrer de sua história, houve os que deixaram êste continente em barcos por êles construídos e foram para aquelas ilhas.

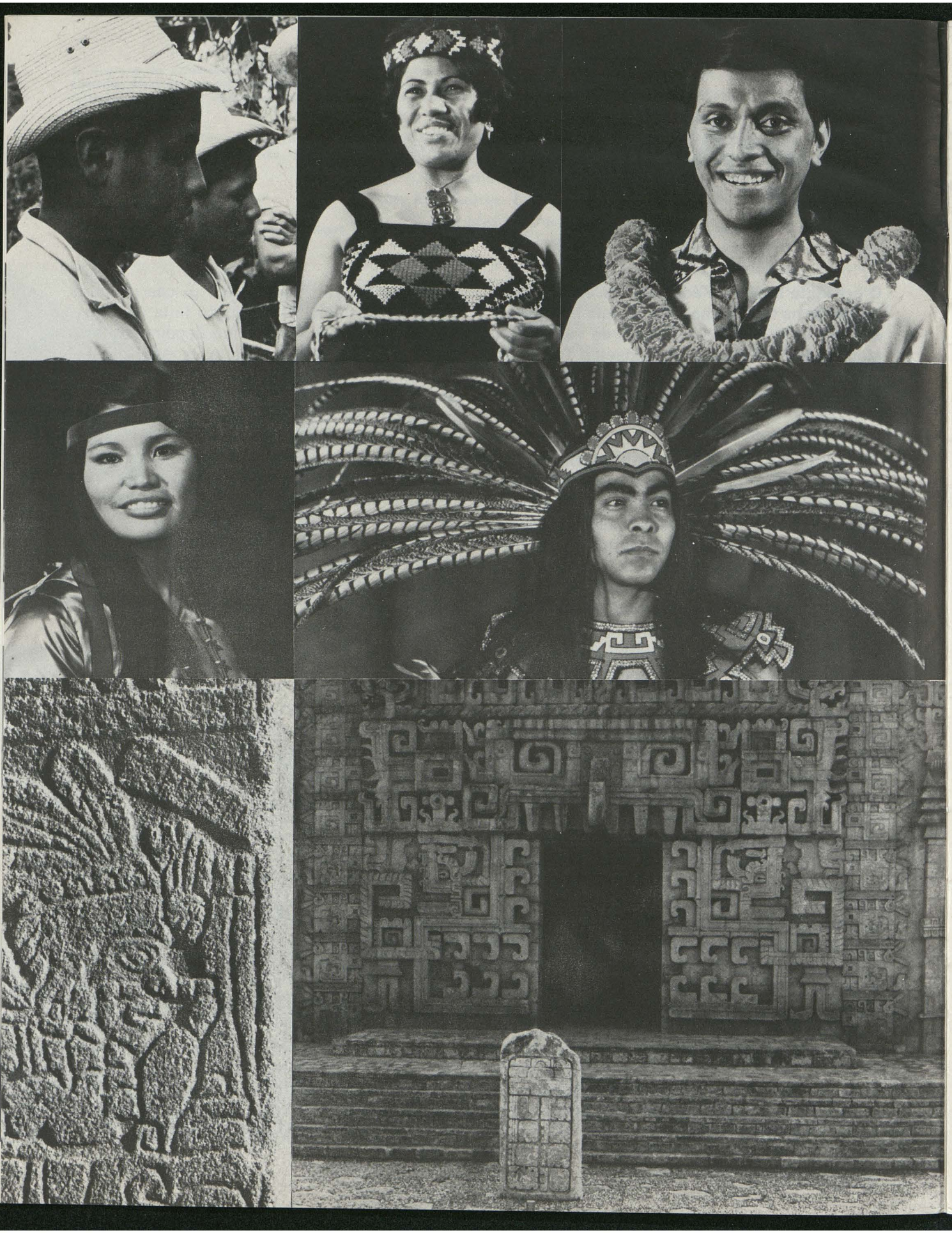
Ninguém teve conhecimento dessas migrações até as revelações de Joseph Smith, que trouxe à luz o livro de Mórmon. Antes era uma incógnita, mas agora tal questão está plenamente respondida. Hoje, os lamanitas são aproximadamente seis milhões, vivendo em todos os estados das Américas, desde a Terra do Fogo até o Cabo Barrow[1], bem ao norte, e em quase tôdas as ilhas do Pacífico, do sul do Havaí ao sul da Nova Zelândia. A Igreja está profundamente interessada em todos os lamanitas por causa dessas revelações e por causa do grande Livro de Mórmon, com seus anais que foram gravados em placas de ouro e ocultos na colina. A tradução feita pelo Profeta Joseph Smith revelou um depoimento histórico contínuo, abrangendo mil anos — desde seiscentos anos antes de Cristo até quatrocentos anos depois dêle — a história dêsses grandes povos que ocuparam esta terra naqueles dez séculos. Depois, durante os catorze séculos seguintes, perderam muito de sua alta cultura. Os descendentes dessa raça poderosa foram apelidados de índios, quando Colombo aqui os encontrou em 1492.

O têrmo lamanita inclui todos os índios e mestiços indígenas, como os polinésios, guatemaltecos, peruanos, bem como os **sioux, apaches, mohawks, navajos** e outros. É um amplo grupo de um grande povo.

A Igreja tem mantido um enorme interêsse e preocupação pelos povos índios e todos os lamanitas. Já em 1845, a Igreja emitiu uma proclamação que em parte dizia: "Os filhos e filhas de Sião logo serão convocados a devotar parte de seu tempo à instrução dos filhos da floresta (índios), pois que precisam ser educados e instruídos em tôdas as artes da vida civil, bem como no Evangelho. Êles precisam ser agasalhados, alimentados e instruídos nos princípios e na prática da virtude, da modéstia... nos costumes, vestir, música e em tôdas as outras coisas destinadas em sua natureza a refinar, purificar, exaltar e glorificá-los como filhos e filhas da casa real de Israel e de José, que se estão preparando para a vinda do noivo." (Parker Pratt Robinson, ed., **Writings of Parley Parker Pratt** / Salt Lake City, 1952/, p. 5.)

É a isto, a par do ponto de vista humanitário, que se deve nosso interêsse.

Aproximadamente quinze séculos atrás, o Profeta Mórmon declarou: "E minha súplica a Deus é referente a meus irmãos, para que





outra vez voltem ao conhecimento de Deus..." (Pal. de Mórmon 1:8) Naquele tempo, já haviam dissipado sua vida religiosa e olvidado a redenção de Cristo. É preciso que retornem a Deus, para que uma vez mais se tornem um povo agradável.

É aos antepassados dêles e a Deus que devemos o desfrutar de tais bênçãos maravilhosas no cumprimento dessas profecias. Seus antigos profetas, incluindo os dos lamanitas, preocupavam-se com seus filhos em tôdas as épocas, intercedendo em orações, noite e dia, pela redenção de sua posteridade. Em resposta às preces dessa longa linha de profetas e historiadores em prol dos lamanitas, o Evangelho eterno foi restaurado na terra em 1820.

Os profetas sempre mostraram preocupação por êles. Morôni foi o último dos nefitas neste continente, tendo sido mortos todos os demais de seu povo. Eis o que êle escreveu antes de ocultar os anais naquele monte: "...escrevo... algo mais, pois tais coisas podem tornar-se úteis a meus irmãos, os lamanitas, em algum dia futuro, segundo a vontade do Senhor." (Morôni 1:4)

E depois, em nossos próprios dias, uma das revelações que temos a respeito dos lamanitas diz: "E eis que o resto desta obra contém tôdas as partes do meu Evangelho, que os meus santos profetas, sim, e também os meus discípulos, em suas orações, pediram que fôssem dadas a êsse povo." (D&C 10:46) Isto talvez se refira à parte do Livro de Mórmon que nunca foi traduzida, mas que o será em alguma data futura. O fato que mais impressiona é que todos os seus profetas, bem como os nossos, têm-se mostrado tão preocupados com o povo lamanita, tendo suas orações se elevado constantemente ao longo dos anos, para que o Senhor faça que êsse povo, que se desgarrou, seja trazido de volta, a fim de gozar de tôdas aquelas boas coisas a que tem direito.

Quando, há mais de cem anos, a Igreja foi organizada, a primeira preocupação dos profetas foi para com os lamanitas, mesmo quando havia apenas uma dúzia, uma centena e um milhar de mórmons no mundo inteiro. Numa época em que existiam apenas uns escassos milhares de membros da Igreja no mundo todo, nós já trabalhávamos junto aos índios. O próprio Joseph Smith atravessou o rio e pregou o Evangelho aos chefes índios que se haviam reunido para ouvi-lo.

Uma das revelações recebidas pelo Profeta dizia: "Mas, antes que venha o grande dia do Senhor (sua segunda vinda), Jacó prosperará no deserto, e os lamanitas florescerão como a rosa.

"Sião florescerá sôbre os montes e nas montanhas se regozijará, e será reunido no lugar que designei." (D&C 49:24-25)

Com tôdas essas promessas, vemos hoje em dia um grande despertar como resultado da obra realizada no último século, e particularmente nos últimos dez ou vinte anos. Atualmente, temos numerosos líderes lamanitas na Igreja. Em Tonga, por exemplo, onde vinte por cento de todo o povo é membro da Igreja, contamos com três grandes estacas. Duas delas são totalmente presididas por lamanitas e a outra quase que inteiramente. Existem três estacas em Samoa e mais outra está para ser organizada naquelas pequenas ilhas samoanas. Mais quatro estacas com líderes lamanitas!

Na Cidade do México, há três estacas de Sião com líderes mexicanos — líderes lamanitas. As presidências de estaca, os bispos, o sumo conselho, a liderança das auxiliares — todos lamanitas, salvo uma ou duas exceções. Em Monterrey (México), na Guatemala, em Lima, na Nova Zelândia, e por aí afora, temos estacas de Sião com a necessária liderança.

Isto aconteceu em cumprimento direto das profecias feitas, e significa uma grande mudança. Uns doze anos atrás, não havia uma única estaca lamanita em todo o mundo. Não se conheciam bispos lamanitas, nem existiam presidentes de estaca lamanitas. Tudo isto aconteceu num período de poucos anos. Cristo, perscrutando o curso do tempo, afirmou: "Portanto, vemos que os mandamentos de Deus devem ser cumpridos. E, se os filhos dos homens seguirem os mandamentos de Deus, êle os nutrirá, fortalecerá e lhes dará meios pelos quais poderão cumprir as coisas que ordenou; conseqüentemente, Deus nos deu os meios de nos alimentarmos durante a nossa permanência no deserto. (I Néfi 17:3)

Êle tem inspirado os líderes desta igreja a anteciparem e a organizarem o cumprimento direto das Escrituras modernas, nas quais o Senhor disse a Oliver Cowdery: "...irás aos

lamanitas para pregar-lhes o meu Evangelho; e à medida que aceitarem os teus ensinamentos estabelecerás entre êles a minha igreja..." (D&C 28:8)

O Senhor ainda nos instruiu: "Apesar disso, a minha obra irá avante, pois como o conhecimento de um Salvador veio ao mundo pelo testemunho dos judeus (através da Bíblia), assim também o conhecimento de um Salvador há de vir ao meu povo — e aos nefitas (e aos lamanitas)... pelo testemunho de seus antepassados." (D&C 3:16-17)

E êste testemunho é o Livro de Mórmon. Todo lamanita que ler o Livro de Mórmon com o sincero desejo de conhecer sua verdade, receberá o testemunho de que aquêles são seus ancestrais, de que é o registro dêles, e de que êle é um daqueles povos.

"E êste testemunho virá ao conhecimento dos lamanitas...

"E para êste fim especial, estas placas, contendo êsses anais, foram preservadas para que se cumprissem as promessas do Senhor a seu povo;

"E para que os lamanitas chegassem ao conhecimento de seus antepassados, pudessem conhecer as promessas do Senhor, e crer no Evangelho, confiar nos méritos de Jesus Cristo, ser glorificados pela fé no seu nome e pelo seu arrependimento ser salvos." (D&C 3:18-20)

Uma das primeiras coisas feitas por Joseph Smith, enquanto organizava a Igreja, foi êle próprio pregar o Evangelho aos lamanitas, e depois enviou seus irmãos — Ziba Petersson, Parley P. Pratt, Oliver Cowdery e Peter Whitmer. E disse o Senhor: "...e eu mesmo irei com êles e estarei em seu meio; eu sou seu advogado junto ao Pai, e nada prevalecerá contra êles." (D&C 32:3)

O desenvolvimento, crescimento e progresso do povo lamanita é de primordial importância para tôda a coletividade mórmon, para todo o programa da Igreja, para a cristandade.

No ano de 1963, 23% de todos os batismos na Igreja foram de lamanitas. Houve vinte e cinco mil em um ano. Em 1970, o número foi ainda maior. Tudo isso indica a receptividade dos lamanitas diante da verdade. É como um dêles declarou: "Êste Evangelho, que, às vêzes, é chamado de mormonismo, é uma coisa que estivemos tentando recordar durante tôda a nossa vida; agora, repentinamente, ela voltou." Vocês alguma vez já tentaram recuperar algo que se perdeu em sua memória e, de repente, com esfôrço e luta, eis que ressurge? Assim aconteceu com o Evangelho para os lamanitas. Um excelente homem navajo disse-me: "Sempre soubemos que estávamos fora do caminho. Antigamente, costumávamos andar junto com a gente de vocês; depois, chegamos a uma bifurcação no caminho com uma grande pedra no meio. Nós fomos por um lado e vocês seguiram pelo outro, mas agora a contornamos e estavamo-nos juntando novamente."

Na América Central, contamos provàvelmente com uns trinta mil membros lamanitas, e não se esqueçam de que êste é o resultado de uns poucos anos, relativamente. Deve haver cêrca de cem mil polinésios na Igreja, de modo a somar agora aproximadamente um quarto de milhão de membros lamanitas. Suponho que vinte anos atrás, a grosso modo, seriam uns poucos milhares. Agora, temos um quarto de milhão no curto período de duas ou três décadas. Com certos polinésios, temos feito trabalho missionário durante cem anos ou mais.

É um prazer lembrar que contamos com centenas de missionários lamanitas em missão integral de dois anos, exatamente como todos os não-lamanitas — e êles estão dando seu tempo e seus meios, pregando o Evangelho principalmente entre seu próprio povo e, de um modo geral, obtendo ótimos resultados. Talvez seja interessante mencionar que entre aproximadamente cem missões, as quatro maiores são entre lamanitas, isto é: a Missão México Norte, a Missão Guatemala — El Salvador, a Missão Mexicana e a Missão de Tonga. São as quatro maiores em todo o mundo. O que isto significa? Que os lamanitas estão aceitando o Evangelho como nenhum outro povo o faz. Nêle, êles reconhecem uma coisa pela qual estiveram esperando há longo, longo tempo, e agora estão recebendo. Entre o total das missões, nove entre as vinte e uma colocadas em primeiro lugar são lamanitas.

Na Missão México Norte, cada missionário batizou cinquenta e três conversos; na do México Centro Norte, trinta e quatro; na do Sudeste Mexicano, trinta. Há países nos quais

os missionários batizam muito poucos além dos lamanitas. Deus os abençoe por aceitarem o Evangelho. Atualmente são os mais receptíveis entre os povos. Parecem reconhecer a verdade que lhes faltava todos êsses anos e que não sabiam haver perdido. Agora ela volta a êles.

Enquanto sofria a morte pelo fogo, disse Abinádi: "Tempo virá em que todos verão a salvação do Senhor; em que tôda nação, família, língua e povo verá ôlho a ôlho e confessará diante de Deus que seus julgamentos são justos." (Mosíah 16:1)

O Evangelho está sendo pregado em tôdas as nações sul-americanas, exceto as Guianas, em todos os países da América Central, em tôda parte do México, em todo lugar do Canadá, em todos os estados dos Estados Unidos e os missionários lamanitas estão-se adiantando na frente de trabalho.

Os lamanitas são um povo bom, geralmente gente honesta. É natural, em todos os grupos humanos, que existem pessoas que não valem grande coisa, porém, no geral, os lamanitas são gente bondosa e amável.

É provável que alguns daqueles doze discípulos americanos fôssem lamanitas. Samuel, o grande profeta o era. Houve um período de mais de duzentos anos de retidão, período como não existiu outro igual em tôda história do mundo, que eu saiba. Naqueles duzentos anos, não houve guerras, nem divisões ou facções. Todos pertenciam a um único grupo; todos amavam-se mùtuamente e não existiram dissensões.

Houve aquêles dois mil "filhos de Helamã" que foram enviados ao campo de batalha para proteger suas famílias e nenhum dêles foi morto. Êles combateram e sangraram, alguns gravemente feridos, mas ninguém sucumbiu por causa de sua grande fé. Os lamanitas parecem possuir uma fé natural. Êles estão próximos do Senhor.

O Senhor abençoou os lamanitas e está disposto a trabalhar entre êles e a fazer estas coisas. O próprio Jesus, ao visitá-los neste continente, declarou: "Tão grande fé eu nunca vi entre todos os judeus; por êste motivo não lhes pude mostrar tão grandes milagres, em virtude de sua incredulidade.

"Em verdade vos digo que nenhum dêles viu coisas tão grandes como as que tendes (os lamanitas) visto; nem nunca ouviram tão grandes coisas como as que vós ouvistes." (3 Néfi 19: 35-36)

Meus irmãos e irmãs, vocês pertencem a uma grande raça. Seu pai é José que foi vendido no Egito, aquêle homem virtuoso que preferiu o cárcere à sedução de uma rainha. Seu pai era Jacó, pai de doze filhos. Vocês descendem de um dêles. Um dos maiores profetas de todos os tempos, Isaque, é seu pai. Outro grande profeta, também pai de vocês, foi Abraão, e não houve quem fôsse maior do que êles. Abraão foi um grande homem que andou e falou com Deus. Êle é seu pai, muitas gerações atrás. Orgulhem-se dêle e saibam que são de sangue real; com esta linhagem real, vocês podem progredir e elevar-se ao cimo.

Vocês possuem a espiritualidade. Gostaria de citar apenas umas poucas palavras de uma das gentis jovens aqui presentes, e que há cêrca de um ano ou mais, falou perante os líderes da Igreja, ali no **Assembly Hall.** Disse ela: "Desci do ônibus oito anos atrás, com as roupas do corpo e uns poucos objetos pessoais numa caixa de sapatos. Eu vinha de um lar humilde. Minha gente é humilde, mas vocês me abriram seu coração. E por isso eu sou grata. Agora posso voltar para casa com uma mala nova em fôlha, cheia de roupas, mas isto não representa minha riqueza. Poderia estar voltando com as roupas do corpo e uma caixa de sapatos com meus pertences e, ainda assim, ser rica. Posso sentir-me mais abastada do que qualquer pessoa na reserva, por causa do que possuo dentro de mim, e que é tão precioso como uma pérola, tão precioso como ouro, tão precioso como tôdas as riquezas do mundo. Possuo um testemunho do Evangelho. Sei que Jesus é o Cristo, e que Deus vive e que atende as orações." Essa jovem chama-se Verenda. Desde aí, celebrei a cerimônia nupcial no templo para ela e seu marido.

Não existem bênçãos, entre tôdas as imagináveis, a que vocês não têm direito — vocês, os lamanitas — se viverem em retidão. Vocês são de linhagem real, filhos de Abraão, Isaque, Jacó, José e Léhi.

---

1. **Cabo Barrow — Promontório no extremo norte do Alasca.**

O DESPERTAR DA GUATEMALA

Barbara T. Jacobs

Por dez anos, Cordell Andersen não conseguiu dormir tranquilamente. Seu sono era obsedado por um sonho — um sonho tão impressionante, que se tornava esmagador.

Nesse pesadelo, êle via dois milhões de indigentes índios guatemaltecos implorando por socorro. Êle sabia ser um clamor genuíno, pois testemunhara pessoalmente sua situação angustiante, enquanto servia como missionário d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias naquele país, em 1957. Tôda vez em que voltava o sonho, Cordell clamava ìntimamente: "Ó Deus, êsses teus filhos já sofreram bastante! Permite que chegue o momento de sua redenção!"

Mas, o que **êle** poderia fazer para dar àquele povo desesperadamente miserável um nôvo gênero de vida? Era uma só pessoa, sem qualquer treinamento prático e sem recursos financeiros. Relutantemente, Cordell ocultou seu sonho e pôs-se a trabalhar, economizar, instruir-se sôbre a Guatemala e a esperar.

Finalmente, não pôde mais. Em agôsto de 1967, Cordell, então com trinta e um anos, vendeu o que tinha, largou o emprêgo e partiu para Coban, cidade de 10.000 habitantes, com mais 200.000 nos arredores, numa caminhoneta sobrecarregada com a espôsa Maria e seus quatro filhos.

Quando lá chegaram, Cordell começou a elaborar uma estratégia destinada a produzir retidão e prosperidade entre o povo. Percebendo que não conseguiria converter aquêles indígenas canhestros a um nôvo e melhor modo de viver, sem primeiro ter granjeado sua amizade e respeito, percorreu um emaranhado de estradas montanhosas, exibindo filmes educativos nas aldeias. Isto lhe deu o ponto de apoio para contrabalançar os séculos de superstição e tradições que controlavam a vida dos índios.

Após passar dois anos fazendo amizade e reduzindo os temores, sentiu que era chegada a hora. Com as palavras de Orson Pratt[1] ressoando nos ouvidos — "...sacrifiquemos tudo o que nos é exigido para a salvação dêste povo" — êsse homem de voz macia mais uma vez meteu a família no carro e mudou-se para a primitiva Finca Valparaíso (Colônia do Vale do Paraíso), a vinte e cinco quilômetros de distância, a fim de trabalhar com as quarenta famílias de índios **pokouchi** que ali viviam.

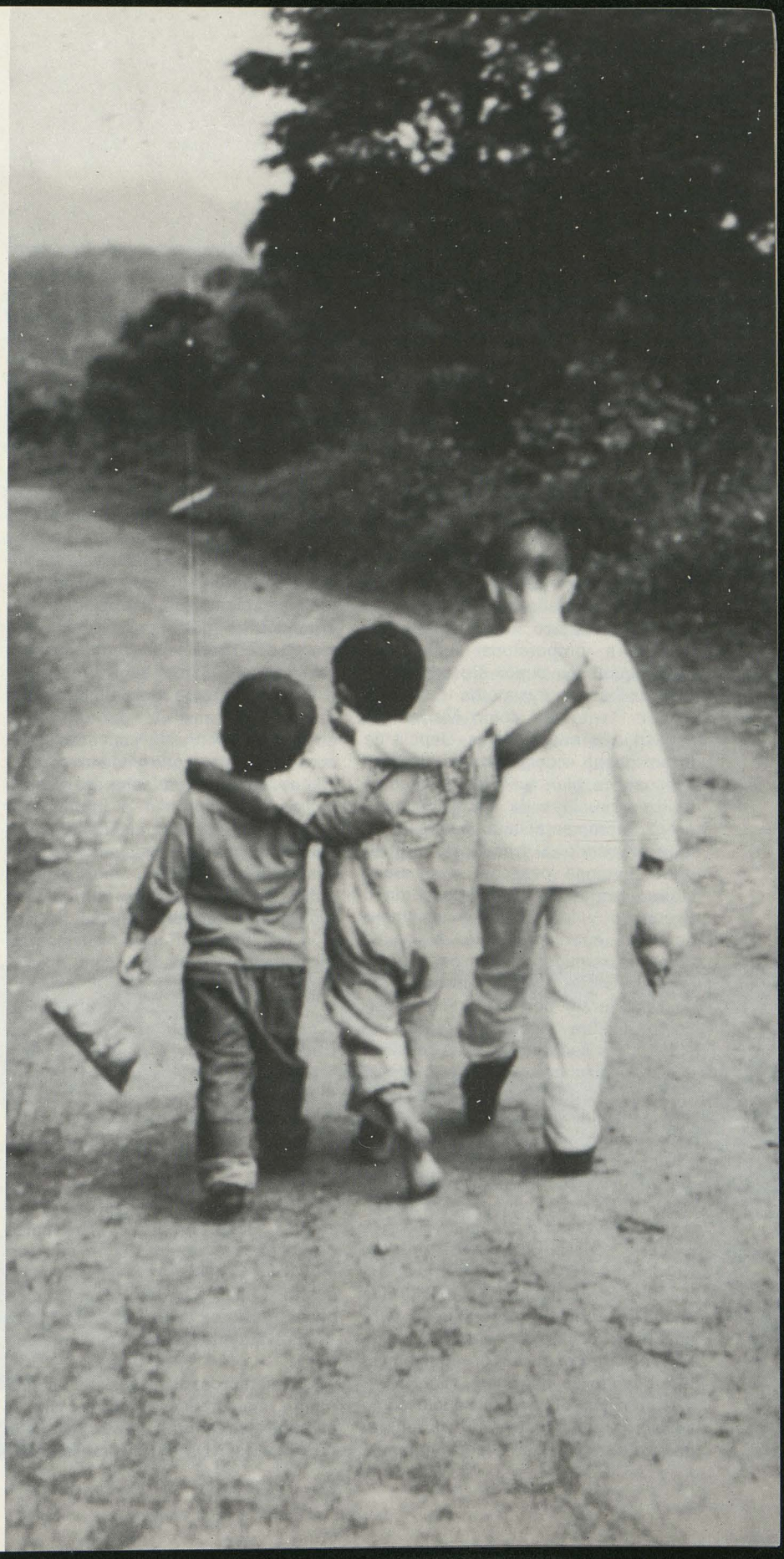
Com firmeza cautelosa, Cordell começou a fazer aquela gente entender seus problemas e a miséria resultante dêles. Seu primeiro objetivo foi reduzir a elevada taxa de mortalidade infantil por meio de uma dieta melhorada, e adequada assistência médica, incluindo vacinações e melhoramento das condições sanitárias. Naquela área, não havia médicos formados; assim, Cordell, que no Exército dos Estados Unidos recebera treinamento de auxiliar de médico, viu-se tratando casos de **kwashiorkor** e outras formas de subnutrição, além de gripe, disenteria, febre tifóide, infecções cutâneas e as doenças infantis usuais.

Numa de suas visitas semanais, Cordell encontrou um garôto de dois anos sugando o seio mirrado da avó. Miguelito, o garôto, não tinha fôrças para apoiar-se sôbre suas perninhas ossudas, pois desde a morte da mãe, quando tinha quatro meses, sua dieta resumia-se principalmente em **tortillas** e café. Suas orelhas e cabeça estavam cobertas por um fungo, o abdômen parecendo uma bola inflada devido à deficiência de proteínas.

Cordell instruiu a avó que levasse Miguelito à sua casa para atendimento. Um ano mais tarde, ao tornar-se aparente que a criança estava morrendo de pneumonia, ela inesperadamente entregou-o aos Andersen.

Paciência, amor e cuidados adequados produziram resultados imediatos. Depois de restabelecido da pneumonia, Cordell e sua mulher procuraram o motivo da inapetência daquela criança de menos de sete quilos. Até mesmo água tinha que ser ingerida à fôrça. Como último recurso, decidiram dar-lhe um quarto da dose infantil de vermífugo, mesmo reconhecendo que seria perigoso, em face de sua fraqueza. O medicamento fêz efeito e Miguelito começou a alimentar-se — levava cêrca de duas horas em cada refeição. Seis semanas depois e com o pêso quase duplicado, Miguelito começou a andar e falar pela primeira

Três rapazes índios da fazenda dos Andersen andam juntos por uma estrada rural.



vez. Atualmente, o menino de quatro anos apresenta o tamanho de uma criança normal de dois e talvez seja mentalmente retardado. No entanto está vivo, é feliz e muito expressivo.

Em vista dêsses sucessos, Cordell agora é aceito mais e mais nos lares dos índios, que lhe permitem suplementar a dieta e tratar os doentes logo no princípio.

O próximo objetivo de Cordell foi ensinar aos índios como empregar os modernos métodos de agricultura. Seus projetos de criação de aves domésticas, gado, suínos e cultivo de vegetais mostraram-se úteis não sòmente como um meio de ensino como também permitiram substituir a dieta de feijão e milho por uma alimentação mais equilibrada. Achando que não poderia ajudar aquêle povo a prosperar, se trabalhassem gratuitamente, decidiu que cada trabalhador deveria ser pago por seu trabalho. Isto significava que cada um dos projetos agrícolas precisava ser operado em bases comerciais, pagando não sòmente seu custo, mas também oferecendo algum lucro para futura expansão.

Além dos projetos de trabalho em que os índios aprendiam através de observação e participação, êle organizou o ensino formal em classe para aquêles dispostos a aceitá-lo. Freddie Renoso, um professor formado, e Rosita Estrada, môça da Cidade de Guatemala, ambos santos dos últimos dias, vêm lecionando em classes de jardim de infância e pri-

meiro ano primário, pela manhã, e à tarde grupos de segundo e quarto anos elementares. Hoje em dia, há treze crianças matriculadas. Às 16:00, inicia-se uma aula em espanhol destinada aos adultos que desejam aprender a ler e escrever, bem como a falar outra língua além do dialeto indígena, usando o Livro de Mórmon como texto. Aulas literárias com livros didáticos regulares são oferecidas aos não interessados em religião. Nas tardes de sábado, rapazes e homens vão à oficina de carpinteiro para aprender a construir camas e mesas para suas casas não mobiliadas.

O ponto básico no plano de Cordell para proporcionar uma vida nova àquele povo por êle adotado é ensinar-lhes o Evangelho de Jesus Cristo. Tanto êle como Maria, sua espôsa, são missionários. Depois de terem ganho a confiança de algumas pessoas da plantação, começaram a realizar reuniões de Escola Dominical e Sacramental num pequeno celeiro. Quando a frequência atingiu vinte e cinco pessoas, o pequeno núcleo tornou-se conhecido como o Grupo de Valparaíso. Em dezembro de 1970, estavam sendo realizadas tôdas as reuniões regulares da Igreja. Quase que metade dos membros do ramo eram portadores do Sacerdócio — um sumo sacerdote, um élder, dois sacerdotes, dois mestres e quatro diáconos.

Quando Cordell tomou conta da plantação de 550 acres, há uns três anos, suas benfeitorias eram uns trinta acres de cana de açúcar em mau estado e um primitivo engenho. Não havia criação alguma, nem construções para abrigar animais ou maquinária de cultivo. Aos poucos, Cordell passou a adquirir alguns implementos agrícolas básicos, mas encontra constante dificuldade para encontrar peças de reposição e dinheiro para consertar os equipamentos, quando se estragam.

Como não tinha experiência como agricultor ou construtor, Cordell foi obrigado a aprender experimentando. Antes de poder criar galinhas, teve que aprender como se constrói um galinheiro. Ao criar-se o problema de môscas em tôrno dêstes, êle instalou pisos de tela de arame acima do solo. O esterco das galinhas retirado por baixo do piso é agora utilizado para fertilizar a cultura de cana.

Ao iniciar a criação de gado, teve que aprender como vaciná-lo contra o carbúnculo e descobrir como enfrentar as verminoses e combater os carrapatos.

Os índios desconfiavam dos alimentos suplementares, opondo-se à idéia de plantarem hortas. No seu entender, o milho era o único alimento aceitável — verduras e legumes serviam apenas para o gado.

Frequentemente Cordell patinhava através de lama até os tornozelos em noites escuras e chuvosas, para atender doentes que viviam em condições de extrema sujeira. A princípio, os índios não o informavam de casos de doença na família, até que suas próprias mesinhas e feitiços falhassem. Por isso, Cordell enfrentou desafios como curar mãos profundamente talhadas que haviam sido tratadas com cal ou ouvidos infeccionados banhados com excrementos de galinha.

Os índios não davam valor à educação e Cordell empregava todos os truques persuasivos que conhecia, a fim de convencê-los a deixar os filhos frequentarem a escola da colônia e depois, êles próprios virem às aulas noturnas onde aprendiam a falar e ler o espanhol. Sem êsse conhecimento, as Escrituras e literatura da Igreja não teriam valor algum. Hoje em dia, grande parte das palavras-chave do Livro de Mórmon ainda não é entendido pelos adultos, mas conhecem sinônimos delas, e isto os capacita a ampliarem gradativamente seu vocabulário do livro.

Os membros da Igreja são comumente molestados pelos demais, e as ameaças muitas vêzes seguidas de facadas. Os que foram batizados são responsabilizados por tôdas as dificuldades locais, inclusive culpados do alto custo do milho e feijão.

Não obstante, os problemas cotidianos são insignificantes quando comparados à mudança que pode operar-se na vida de um índio. Miguel Max é um índio bonitão de 1,65 m de altura e vinte e um anos de idade. Dois anos atrás, desconhecia o que significava asseio, moralidade, responsabilidade, lealdade, iniciativa, realização ou salvação. Metido em roupas esfarrapadas, passava os dias trabalhando na parcela de terra do pai, e as noites num abrigo de bambu e adobe, sem janela e soalho. Comia com as mãos sujas, sentado no chão.

Então, encontrou-se com Cordell, que sentiu-se impressionado pelo rapaz que conseguia manter-se sóbrio, quando todos os demais se embriagavam. Miguel Max levou seis me-

A fotografia abaixo à esquerda, mostra a construção de sanitários. No centro, Miguel Max trabalha com uma serra circular, durante a construção de uma casa, assistido por Fernando Mora, o principal professor dos rapazes índios. À direita, Cordell Andersen medica alguns índios que vivem e trabalham em suas terras.



ses para decidir-se a abandonar os costumes indígenas, porém, quando rompeu com êles, progrediu ràpidamente. Foi o primeiro índio a comparecer às reuniões da Igreja e a frequentar as classes de estudo do Livro de Mórmon. Agora é o mais competente tradutor do espanhol para o dialeto **pokonchi** da colônia; foi o primeiro a atender ao programa de melhoramento da nutrição, tomando incaparina (um suplemento de proteína de baixo preço), a plantar uma horta e o primeiro **pokonchi** que se fêz batizar. Agora trabalha como mestre familiar, e não deixa passar uma reunião de jejum e testemunho sem levantar-se para prestar o seu, baseado em profunda convicção.

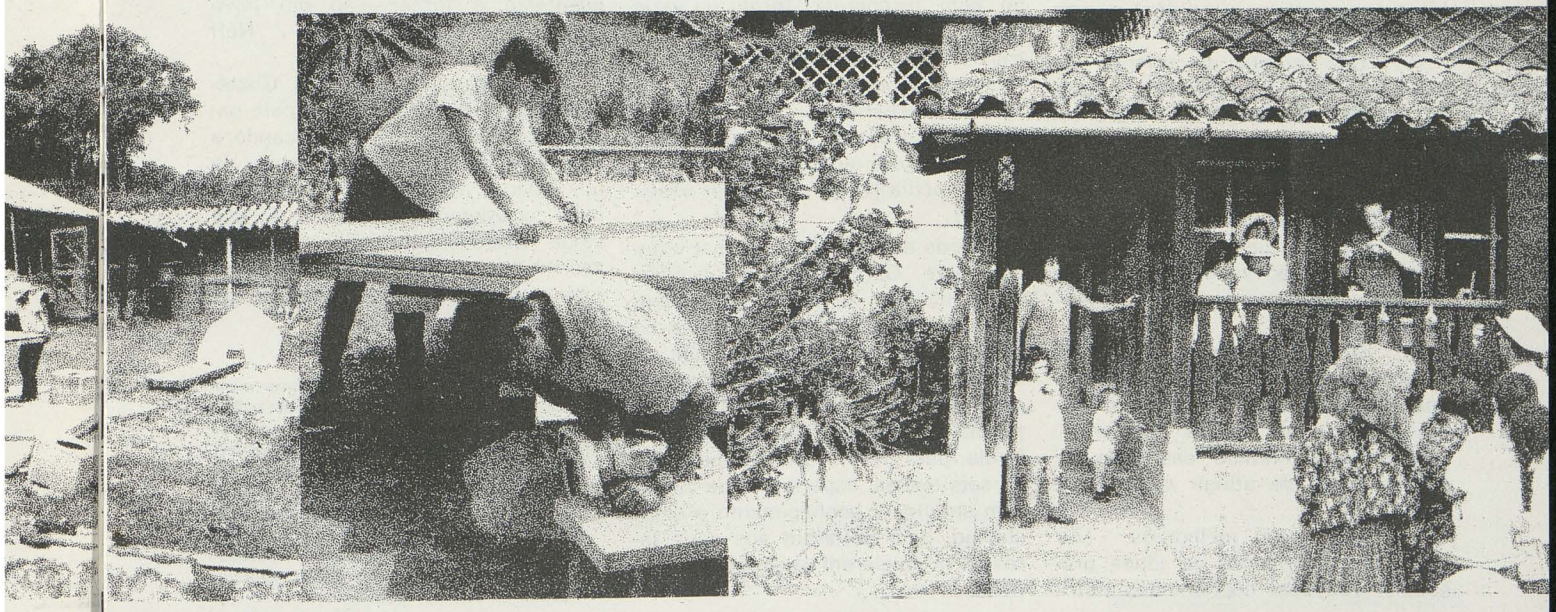
Com a esperança de transformar todos os índios em um Miguel Max, Cordell continua a empregar, educar e converter a Israel indígena, mas sòmente com enorme sacrifício seu e da família. Sempre que encontra uma criança órfã ou morrendo de inanição ou doença, como Miguelito, êle a adota oficiosamente. Agora, responsabiliza-se em prover dentro do próprio lar, alimentos, roupas, abrigo e assistência médica para trinta e uma pessoas.

Devido a isso, Cordell e Maria não têm tido tempo nem dinheiro para melhorar e mobiliar adequadamente sua casa de fazenda. Dormem em três cômodos com seus sete filhos (três dêles nascidos na Guatemala), mas muitas vêzes não têm suficientes camas e roupas para os órfãos que acolhem. Ambos trabalham até às 22,30 h. tôdas as noites. Com trinta e nove pessoas em casa, fora os hóspedes, para alimentar em três turnos, Maria faz queijo e manteiga duas vêzes por dia.

Cordell tem que supervisionar tôda e qualquer atividade na plantação, porque os trabalhadores guatemaltecos ainda não estão suficientemente treinados para ser totalmente responsáveis por equipamentos e métodos. Após um árduo dia de trabalho no campo, volta para casa, onde o esperam tarefas como onze cortes de cabelo numa noite, por exemplo.

Trabalhando como unidade familiar, os Andersen e 240 índios conseguiram um progresso substancial nos dois anos em que trabalham juntos. Partindo do nada, êles agora têm:

1. Dez membros índios batizados que pagam o dízimo, e numerosos investigadores que comparecem regularmente às reuniões.
2. Uma capela em construção.
3. O edifício escolar com carteira e material letivo. (Como um projeto escolar, tôda criança ajuda a cultivar a horta da escola e outras cuidam das 300 galinhas poedeiras).
4. Um programa cinematográfico que exibe filmes educativos e recreativos durante a semana, e religiosos nas noites de domingo.
5. Um programa recreativo que provê facilidades para jogos esportivos (futebol, basquete, tênis, pingue-pongue, remo, natação) e leitura.
6. Quarenta latrinas. (Até 1970, os índios não sabiam o que fôsse uma privada).
7. Um projeto de construção que iniciou a substituição das choças, por casas limpas e modernas. (Até que possam ser terminadas as novas casas, os índios estão melhorando os abrigos atuais, instalando janelas, construindo móveis e fogões).
8. Um sistema de irrigação para possibilitar o cultivo de certos vegetais e frutas durante a estação sêca.





Parte do trabalho do Irmão Anderson é visitar o lar daqueles que precisam de assistência médica.

9. Uma centena de suínos (atualmente quase todos vendidos) e cem cabeças de gado.

10. Um projeto de criação de galinhas. (Mil e oitocentos pintos de um dia são adquiridos mais ou menos uma vez por mês. Os lucros dêsse empreendimento financiam parcialmente a escola).

11. Um açude povoado de peixes.

12. Um pequeno armazém em Coban, onde são vendidos os ovos, galinhas, vegetais, queijo e manteiga excedentes.

13. Um comitê de visitas familiares atento aos primeiros sinais de enfermidade. (Em 1970, foram feitos mais de mil visitas a doentes. Antes disso, metade das crianças morria antes de atingir cinco anos de idade).

14. Uma dieta melhorada. (As gestantes e crianças de idade pré-escolar recebem suplementos nutritivos, conforme necessário. Todos os escolares recebem lanches compostos de queijo, **tortillas** vitaminadas e uma mistura rala de leite em pó com incaparina, fornecida pela CARE.[2] O leite comum causaria transtornos gástricos, por não estarem habituados a êle.)

15. Prosperidade. (Cada trabalhador recebe um salário diário mínimo, que, em alguns casos, é o triplo da média jamais ganha por êsses índios).

Quando a plantação se tornar autosuficiente, Cordell planeja envolver maior número de índios. Atualmente, já costuma visitar os doentes na aldeia do tôpo da montanha que se avista da plantação, tôdas as semanas. Também acolhe em sua casa jovens índios de outros ramos da Igreja, para períodos de treinamento de seis meses, esperando que absorvam suficiente conhecimento e entusiasmo, para voltarem aos seus lares e lá iniciarem programas idênticos.

A profecia referente aos povos lamanitas declara que o Evangelho será restaurado entre êles, e que cairão de seus olhos as escamas da escuridão e tornar-se-ão um povo claro e agradável. (Veja 2 Néfi 30:5-6)

Uns poucos lamanitas, na Guatemala, há tanto entorpecidos pela pobreza e miséria, estão começando a despertar, devido aos esforços de um irmão branco e sua família, cuja mais acalentada esperança é que amor, paciência, trabalho árduo e sacrifício continuarão a estimular maior número do povo escolhido de Deus nos anos futuros.

1. **Orson Pratt — Um dos primeiros membros do Conselho dos Doze, 1811-1881.**
2. **CARE — Agência privada, não-sectária e lucrativa para assistência voluntária, administrada por vinte e seis das maiores organizações assistenciais, religiosas, trabalhistas e fraternais dos Estados Unidos, que ajuda a alimentar anualmente 40 milhões de pessoas necessitadas da Europa, África, América Latina e Oriente Médio.**

TESTE N.º 3

1. **Livro de Mórmon**

I. De acôrdo com 3 Néfi, foi Deus, o Pai ou Jesus Cristo quem deu a lei a Moisés?

R. .....

II. Se um sacerdote não tivesse a cópia das orações sacramentais, onde as encontraria no Livro de Mórmon? Cite o livro e capítulo.

R. .....

III. Indique o homem a que se referem os três indícios abaixo:
a. irmão de Amaliquiah
b. tornou-se rei dos lamanitas
c. foi morto por Teancum

R. .....

2. **Velho Testamento**

I. A Bíblia faz referência a certas palavras que foram gravadas em lâmina de ouro puro. Quais são essas palavras?

R. .....

II. O Senhor ordenou a um dos profetas do Velho Testamento que gravasse a cidade de Jerusalém em um tijolo. Quem foi êsse profeta?

R. .....

III. Das doze tribos de Israel, de qual provém Moisés?

R. .....

3. **Pérola de Grande Valor**

I. Todos os homens devem ser batizados para serem salvos. De acôrdo com Moisés quem batizou Adão?

R. .....

II. De acôrdo com Abraão a matéria utilizada na organização desta terra, foi criada por quem?

R. .....

4. **Doutrina e Convênios**

I. Em que circunstância um homem pode ser ordenado bispo, sem ser ordenado sumo-sacerdote?

R. .....

5. **História da Igreja**

I. Quando e onde Joseph Smith, o Profeta, foi martirizado? Quem morreu com êle nessa ocasião?

R. .....

Fontes de referência:
Bíblia — Edição Revisada e Corrigida — J. F. Almeida
Livro de Mórmon — Edição 1970
Doutrina & Convênios e Pérola de Grande Valor — Edição conjunta 1967
A Liahona

TESTE FEITO POR: _____

NOME

_____

ENDEREÇO COMPLETO — ALA/RAMO/DISTRITO/ESTACA/MISSÃO

Após o preenchimento devolva êste teste **A Liahona** — Caixa Postal, 19.079 — S. Paulo — SP.

50

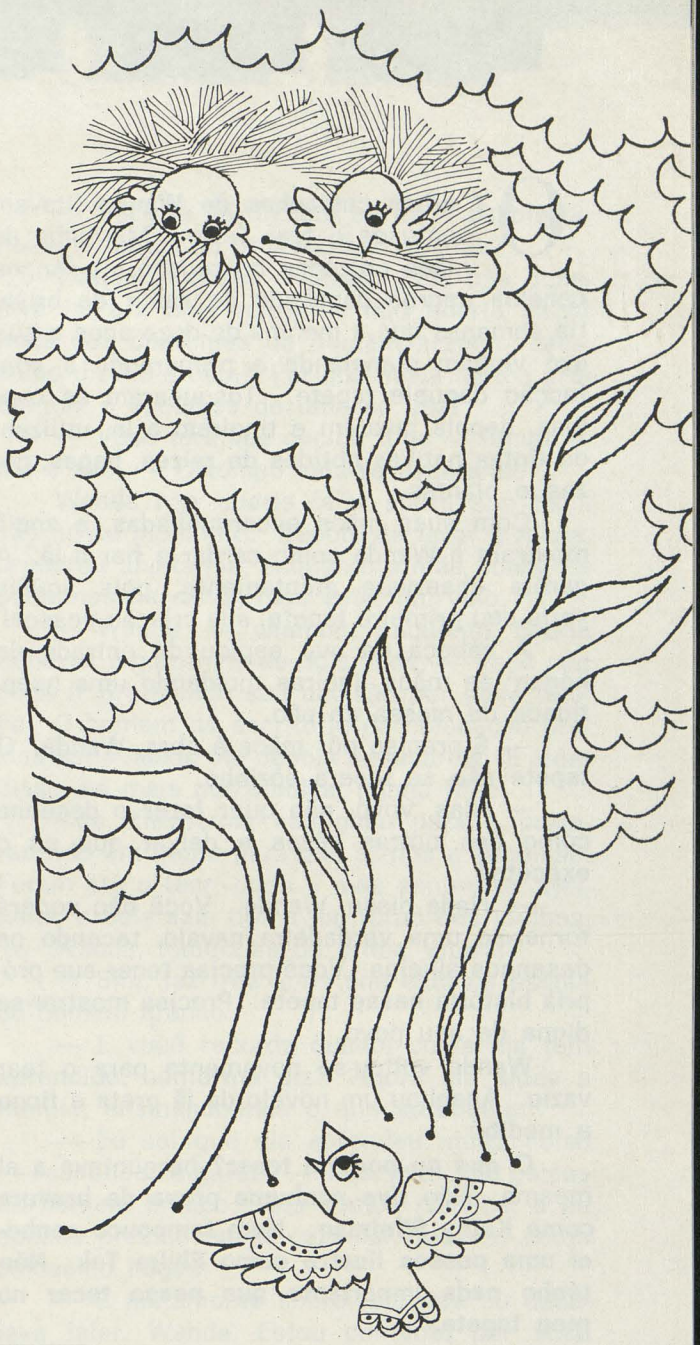
53

56

57



Siga os Pontos



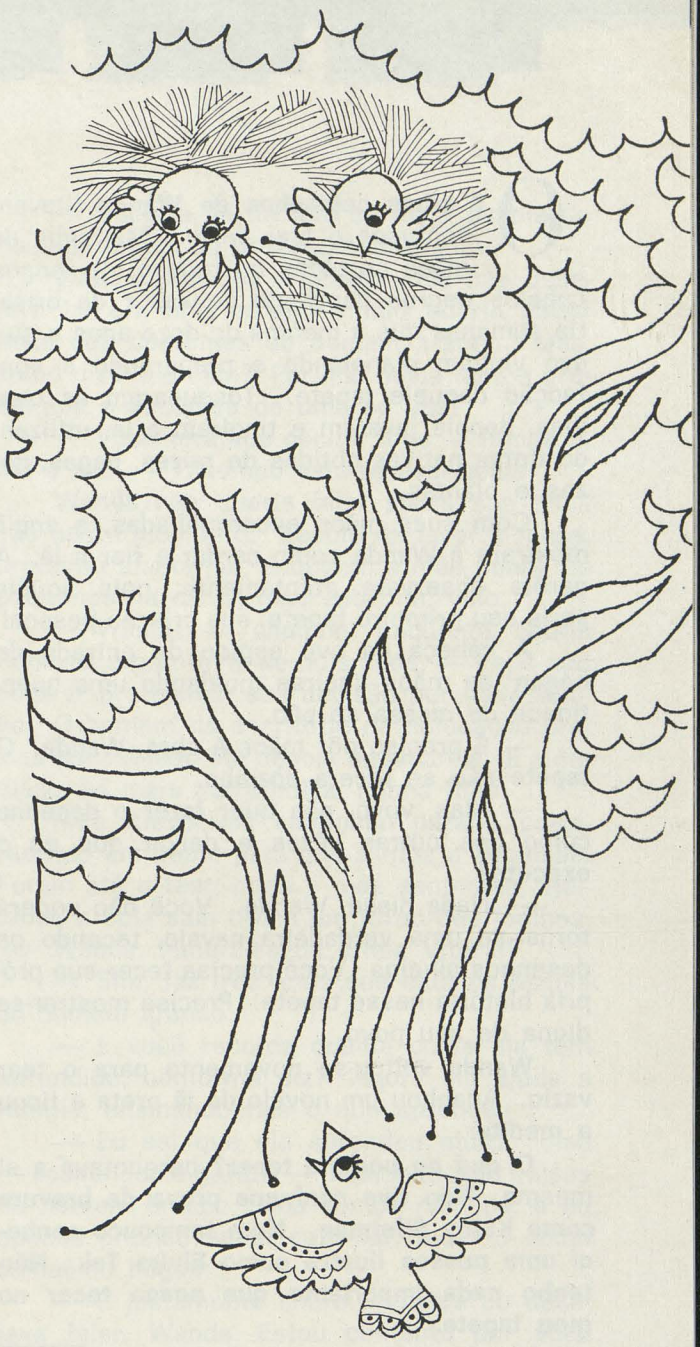
Ajude o passarinho a voltar para o seu ninho.

Que linha deverá seguir?

50
51
57
56
57



Siga os Pontos

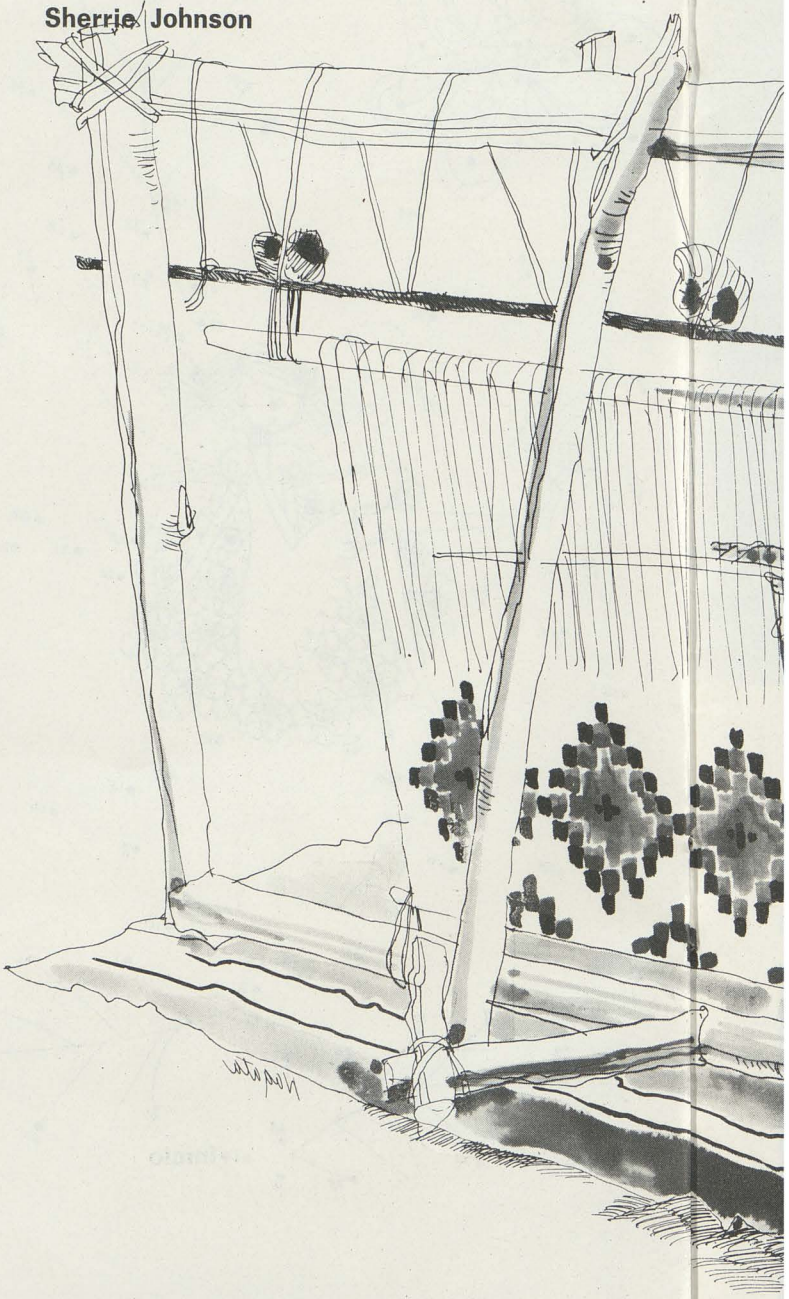


Ajude o passarinho a voltar para o seu ninho.

Que linha deverá seguir?

UMA VERDADEI

Sherrie Johnson



Os olhos castanhos de Wanda fitavam confusos o tear vazio. Mantinha as mãos cruzadas no regaço, os longos cabelos negros dançando ao sabor da brisa. Há semanas que a menina de doze anos e sua avó vinham planejando e preparando a confecção daquele tapete. Tosquearam as ovelhas, depois lavaram e tingiram a lã, utilizando tintas nativas obtidas de raízes, bagas, nozes e plantas.

Com suas mãos encarquilhadas, a anciã mostrara à Wanda como cardar e fiar a lã. A garôta observara atentamente, pois aquêle seria seu primeiro tapete, sua criação pessoal.

A cabeça da avó espiou da entrada do **hogan**[1] as mãos ligeiras moldando uma quantidade de massa de pão.

— É preciso pôr mãos à obra, Wanda. O tapete não se tecerá sòzinho.

— Mas, vovó, não quer fazer o desenho como das outras vêzes e deixar que eu o execute?

— Nada disso, Wanda. Você não poderá tornar-se uma verdadeira navajo, tecendo os desenhos alheios. Você precisa tecer sua própria história nesse tapete. Precisa mostrar-se digna de seu povo.

Wanda voltou-se novamente para o tear vazio. Apanhou um novêlo de lã preta e ficou a meditar.

O que eu poderia tecer? perguntava a si mesma. **Não tive nenhuma prova de bravura como Kathy Siletman. Nem tampouco conheci uma pessoa ilustre como Elvira Tak. Não tenho nada importante que possa tecer no meu tapete.**

Wanda jogou o novêlo de lã preta ao chão e entrou no **hogan.** A mãe e a vovó acabavam de assar o pão.

— Fizemos pão frito especialmente para você — disse a mãe sorrindo. Mas, Wanda parecia não ter ouvido.

As longas saias da mãe farfalhavam e suas jóias de prata e turquesas tilintavam ao ritmo do fogo crepitante. Finalmente, ela perguntou:

ADEIRA NAVAJO



— Você já se decidiu se irá à escola do homem branco no próximo ano, Wanda?

Wanda balançou a cabeça. Ela não desejava ir; era uma navajo e não queria saber nada dos costumes do homem branco. Mas, como dizê-lo à mãe? Por que havia tantos problemas e decisões de uma só vez?

— Você terá que decidir logo — lembrou-lhe a avó. — O tempo está-se esgotando.

Wanda não queria falar sôbre sua decisão neste momento. Depois de lavar a louça, procurou afastar-se, enquanto a mãe punha os pequenos na cama, mas esta interveio.

— Wanda — chamou, enquanto cobria Roberta, a garotinha de dois anos. — Você não pode ir protelando sua decisão por mais tempo. O homem do escritório de colocação precisa ser avisado até depois de amanhã. E além disso, há mais outra coisa, minha filha.

Mãe Kieyoomia caminhou para a porta, fazendo um gesto para que a filha a seguisse. Foram até o tear, onde a mãe sentou-se, ajeitando a bela saia típica em tôrno dos joelhos.

— Wanda, lembra-se da prima Vitória?

— Sim, faz três anos que está na escola do homem branco.

— E você recorda quanta coisa ela tem aprendido, conforme diz? Agora ela ajuda a família, ensinando-lhes o que aprendeu.

— Eu sei que ela aprendeu muita coisa — respondeu a garôta — mas, mãe, são coisas do homem branco. Nós somos navajos, e eu apenas preciso saber cozinhar, tecer e como cuidar do **hogan**.

— É justamente sôbre isto que eu desejava falar, Wanda. Estou contente por você orgulhar-se de ser uma navajo, porém precisamos progredir junto com o mundo do homem branco. Seu pai e eu decidimos mudar para uma daquelas novas casas na reserva indígena.

Wanda levantou-se bruscamente.

— Uma casa de homem branco? Abandonar o nosso **hogan?**

— Sim, Wanda. Será muito mais confortável para nossa família tão numerosa.

Wanda olhou atônita, primeiro para os no-

velos de lã e depois para a mãe. Em seguida, voltou-se e correu para as colinas cobertas de artemísia, as longas saias enroscando-se em volta de seus tornozelos.

De repente, deixou-se cair ao chão, lutando por recobrar o fôlego. Após uns instantes, voltou-se mansamente de costas, observando as leves nuvens brancas a flutuar pelo céu. **Uma casa de homem branco? Como podem? Nós somos navajos. Eu sempre serei uma navajo! Nunca adotarei os costumes do homem branco.**

Seus olhos começaram a encher-se de lágrimas, porém logo foram reprimidas. Uma navajo não chora, lembrou a si mesma.

Sùbitamente, teve uma idéia. **Tecerei em meu tapete a história do meu povo,** decidiu. **Assim lembrarei a meus pais como trataram meu povo. Então êles desistirão de mandar-me para aquela escola.** Erguendo-se de um só pulo, pôs-se a caminhar em direção do **hogan,** pensando sôbre o desenho do tapete.

A notícia de que Wanda começara seu tapete espalhou-se depressa entre as mulheres. É um acontecimento muito importante quando uma garôta tece seu primeiro tapete sòzinha. Todo mundo concordava sorrindo, ao comentar:

— Wanda será um orgulho para seu povo, exatamente como o tem sido Vitória.

Estas palavras aguilhoavam os ouvidos de Wanda, fazendo-a tecer cada vez mais apressada. **Mas, Vitória deixou nossa gente durante três anos inteiros. Como ousam compará-la a mim? Eu não vou para a escola do homem branco! Sou uma navajo!**

Ao anoitecer, começou a juntar os novelos de lã com os dedos dormentes e doloridos.

— Quando terminado, sèrá um belo tapete — ouviu-se uma voz às suas costas. Wanda olhou espantada.

— Olá, Vitória — respondeu baixinho, voltando ao trabalho. — Não percebi você chegar.

— Estive observando você. Seus dedos são ágeis e seguros. O que o seu tapete irá contar, Wanda? O meu primeiro falava de meu avô.

— Você também teceu um tapete dêsses? — indagou a garôta.

— Mas naturalmente, pois sou uma navaja. — Vitória sentou-se ao lado de Wanda, remexendo a areia com os dedos.

Wanda fitou-a admirada. — Mas, você estêve vivendo com os brancos e estudando numa escola dêles!

— Sim, estive, para ajudar minha família e meu povo. Aprendi muitas coisas do homem branco, mas nem por isso deixei de ser uma navajo. Quero que minha gente tenha o melhor das duas culturas. Então, conheceremos tanto as coisas boas do homem branco como as coisas boas que nosso povo sempre conheceu. Algum dia, também você poderá ir à escola e fazer o mesmo.

Quando Vitória se foi, os pensamentos e sentimentos de Wanda continuaram a borbulhar em sua mente, enquanto os comparava ao que Vitória lhe dissera. A noite inteira continuou pensando no assunto, revirando e pensando nêle, enquanto tentava conciliar o sono.

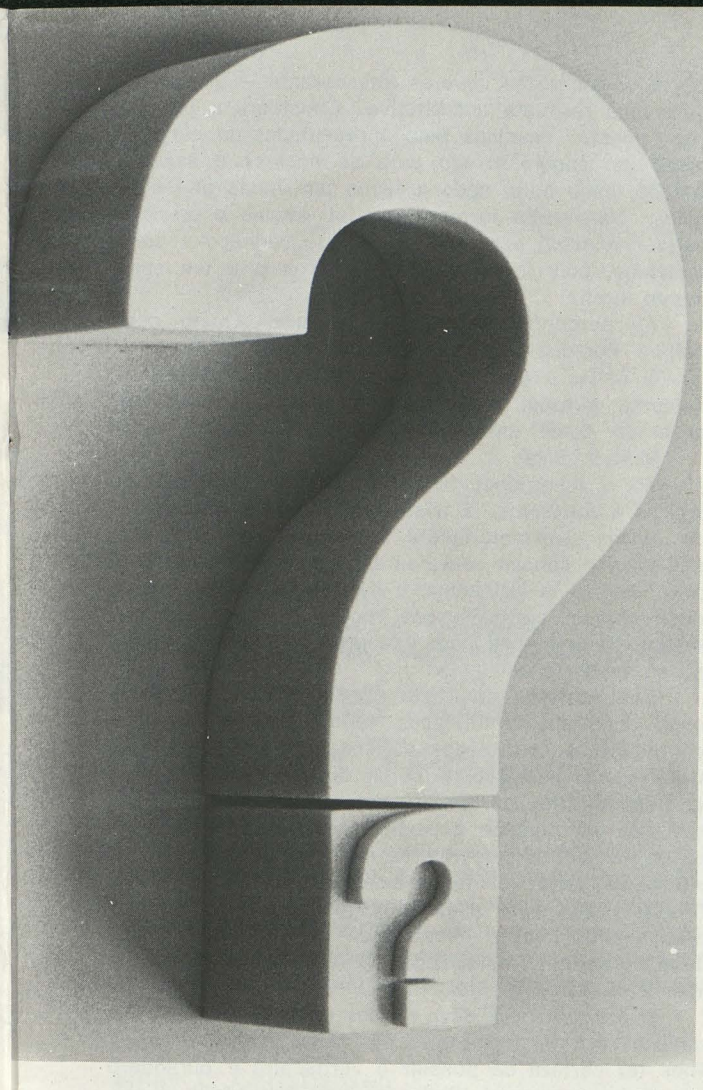
Quando a tênue meia-luz da madrugada se insinuava no vale, Wanda correu para junto do tear.

Suas mãos trabalhavam ligeiras e seguras como no dia anterior, mas o rosto iluminava-se com um sorriso de paz. Terminou o tapete ao cair da noite e todos se reuniram, a fim de admirar a obra da menina.

Pai Kieyoomia foi o primeiro a ver a pequena obra-prima. Olhou durante longo, longo tempo. Finalmente, disse à filha:

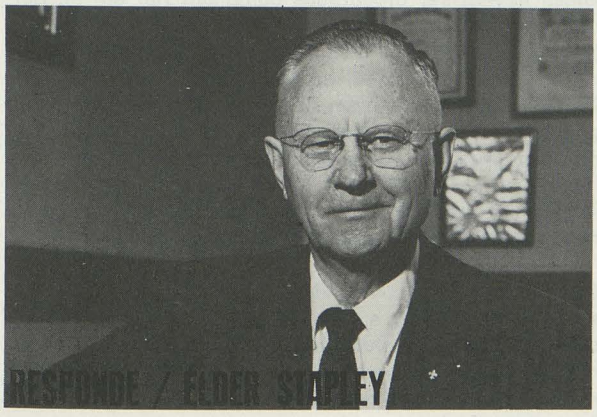
— Estou orgulhoso de você, Wanda. Quase tôdas as meninas contam coisas que já aconteceram. São coisas passadas — não podem ser mudadas. Mas, você falou do futuro, o futuro que você ajudará a construir, frequentando a escola do homem branco e aprendendo as coisas do mundo. Então, você voltará, trazendo as coisas boas que aprendeu para nós, o seu povo. Você é uma verdadeira navajo.

1. Cabana de terra dos índios navajos. N. do T.



Perguntas & Respostas

Por que os médicos são tão importantes se o sacerdócio tem o poder de curar doenças?



Deus é a fonte de todo o conhecimento proporcionado ao homem para seu benefício, orientação e bênção. Êle espera que o homem utilize sàbiamente o conhecimento, seja científico ou outro qualquer, que concede para benefício da humanidade. Néfi ensinou: "...é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer." (2 Néfi 25:23) Poderíamos apropriadamente parafrasear essa declaração, relacionando-a com a cura dos enfêrmos e aflitos pelo poder do Sacerdócio, dizendo: "Pela graça sois curados pelo poder do Sacerdócio, depois de tudo o que puderdes fazer." Se os homens da medicina adquiriram habilidades e curas médicas para os males do homem, então não deveriam ser empregadas como parte do processo de restabelecimento?

A ciência médica é apenas um elo no plano e processo da cura. Os avanços na medicina e no tratamento médico provêem recursos para enfermidades e males que no passado talvez fôssem incuráveis. Um organismo enfêrmo, quando fortificado pelos recursos médicos, tem um grande poder natural de curar a si próprio.

A vida humana é baseada em numerosos fatôres significativos. O corpo é composto de muitas partes complexas e inter-relacionadas, devendo tôdas elas funcionar normalmente, a fim de assegurar boa saúde e resistência física. Na vida humana, ocorrem disfunções, enfermidades, males e ferimentos que requerem os recursos e tratamento que a ciência médica é capaz de fornecer.

Ao discutir boa saúde, deveremos examinar a Palavra de Sabedoria, lei de sanidade física dada pelo Senhor. Nessa revelação (D&C 89), o Senhor deu-nos a conhecer as substâncias que **não são boas para o homem** e os produtos da terra que o **beneficiam.** A carne deve ser usada com moderação. Se obedecermos a essa lei natural, temos a promessa de boa saúde.

Se aceitamos a Palavra de Sabedoria e a observamos, não poderemos aceitar também o uso de medicamentos e os serviços profissionais de médicos com bom proveito? O poder humano é limitado; o poder de Deus, sem limites. Quando fracassam os recursos humanos, entra o santo poder de Deus através de seu fiel Sacerdócio, obrando frequentes milagres.

O Senhor aconselhou:

"E os que entre vós estiverem doentes, e não tiverem fé para serem curados, mas crerem, serão alimentados **com todo carinho, com ervas e comidas** leves...

"E os élderes da Igreja, dois ou mais, serão chamados e orarão por êles e lhes imporão as mãos em meu nome...

"E... acontecerá que aquêle que tiver fé em mim para ser curado e não estiver designado para morrer, será curado." (D&C 42:43,44,48. Grifos nossos)

Devemos ser gratos que a ordenança para a cura da família de fé seja parte do plano evangélico do Senhor.

Os exemplos a seguir explicarão o elo médico entre o clínico e o poder curativo do Sacerdócio.

O filho de catorze meses de um médico adoeceu gravemente. Durante o tratamento, foram consultados muitos especialistas, sem, contudo, chegar-se à verdadeira causa do mal. Com isso, as condições da criança pioravam constantemente. A temperatura chegou a 40° e a família perdera qualquer esperança de recuperação; sua morte era esperada a qualquer momento. A essa altura, aconteceram algumas coisas milagrosas. Por conta própria e sem aviso prévio, o bispo e seus conselheiros apareceram para visitar a família. A pedido desta, deram uma bênção de saúde ao menino. Quase imediatamente após a bênção, um jovem médico, amigo da família, entrou no quarto e disse: "Por que não fazemos uma transfusão?" O sangue daquele médico era do tipo universal, permitindo que o doasse na mesma hora e fôsse dado à criança. A temperatura desta caiu imediatamente até o normal e assim se manteve durante tôda a sua permanência no hospital. Êste é um caso em que o auxílio médico falhou completamente; baseado no que a medicina podia oferecer, a vida da criança estava condenada. Então, entrou o Sacerdócio e a administração foi seguida de providências médicas anteriormente não cogitadas. A vida da criança foi salva. Hoje em dia já está adulto, pai de uma família adorável.

Outro caso refere-se a um homem que sofria de grave mal cardíaco. Às duas horas da madrugada, parecia-que os esforços para controlar a doença eram em vão. Naquele momento, uma autoridade geral entrou no quarto e administrou-lhe a bênção; o funcionamento do coração melhorou imediatamente e sua vida foi salva. Até o presente momento, suas condições cardíacas continuam excelentes.

Por êsses exemplos, podemos ver que pode haver um esfôrço correlativo entre a assistência médica e a administração do Sacerdócio, uma auxiliando a outra, e juntas formando um tratamento eficiente para a cura dos doentes.

Sim, os médicos são importantes. Mas é através do Sacerdócio que recebemos aquêle poder suplementar pelo qual ocorrem curas miraculosas.

Delbert L. Stapley

Quantos Beijos são Demais ?



RESPONDE / DEÃO BENNION

É uma questão deveras interessante — porém sugere uma resposta quantitativa. Considero a proposição "quanto" desejada pelo apresentador da pergunta como um ângulo errado para se encarar o assunto. Aquêle único beijo dado a Jesus por Judas já foi demais. Da mesma forma como foi demais o primeiro beijo concedido por uma jovem que conheço a certo indivíduo, pois levou a muitos outros e a um casamento infeliz.

As perguntas importantes seriam: Quem devo beijar? Por quê? Em que circunstâncias?

O beijar é uma expressão de sentimento profundamente pessoal entre duas pessoas, devendo ser encarado como uma parte do relacionamento total.

Muitas coisas ao nosso redor encorajam-nos a dar afeição — maturidade física, filmes, música, histórias, artigos e conversas. É triste que às vêzes neste mundo impessoal e materialista, alguns de nós não consequem criar cálidas relações humanas dentro da própria família, na vizinhança e mesmo na Igreja; consequentemente, certos jovens recorrem a pessoas virtualmente estranhas para encontrar a aceitação e um senso de pertencer.

Convenhamos que esta é realmente a tendência atual. Existem, porém, boas razões para que sejamos cautelosos e controlados ao conceder nossa afeição. Como vocês bem sabem, beijar é mais estimulante do que satisfatório; portanto, incita a mais e mais. Desde que um par comece a partilhar sua afeição beijando — ou, em outras palavras, de uma forma física — esta atividade tende a tornar-se o principal interêsse. Muitas vêzes, êsse casal deixa então de explorar outras significativas dimensões da personalidade — intelecto, caráter, maturidade, fé religiosa, valores morais e objetivos na vida.

A afeição física deve nascer de uma genuína amizade e do amor fraterno, e não precedê-los, se queremos ter certeza de possuir o verdadeiro e duradouro amor no casamento. Beijar só pela emoção que proporciona leva a mais afeição passional, fazendo com que muitos jovens excelentes envolvam-se mais profundamente do que na verdade desejam.

À guisa de princípio orientador, sugiro que as demonstrações afetivas, como andar de mãos dadas, abraços ou beijos entre um rapaz e uma jovem sejam consistentes em grau e forma com a natureza de seu relacionamento total. As demonstrações afetivas nunca devem ser procuradas como um fim em si, porque isto exerce uma coação sôbre a pessoa. Permitam que a afeição cresça e floresça gradualmente, assim como os botões, as flôres e os frutos de uma árvore. Permitam que seja parte de um relacionamento maior que se desenvolve naturalmente e está enraizado num precioso companheirismo da mente, do caráter e da fé. Quando e se o beijo surgir nas relações entre duas pessoas, deve depender da natureza e intenção dêsse relacionamento.

Lowell L. Bennion

Os leitores são convidados a enviar perguntas que serão apresentadas a uma ou mais pessoas para consulta. Estas serão publicadas e como opinião e esclarecimento, não devendo ser encaradas como pronunciamentos doutrinários da Igreja.

Algumas Coisas que Devemos saber Sôbre o Templo

Grande parte do que os santos dos últimos dias aprendem acêrca dos templos é ensinado dentro do próprio templo. Entretanto, existem certas coisas que a Primeira Presidência considera importante que saibamos, a fim de estarmos devidamente orientados e obtenhamos um entendimento adequado de nossa experiência vivida nos templos.

ElRay L. Christiansen
Assistente do Conselho dos Doze

Quando vão ao templo pela primeira vez, a maior parte das pessoas o faz para receber seu próprio **endowment** (investidura). Algumas são seladas para o tempo e a eternidade na sagrada ordem do matrimônio. Muitas delas também procuram os templos, a fim de serem seladas aos pais que não se casaram inicialmente num templo. Outras são batizadas pelos mortos que não receberam essa bênção durante a vida terrena. Outros ainda vão ao templo para realizarem trabalho vicário de selamentos e **endowments** (investiduras) em favor dos mortos.

Tôdas essas obras do templo (batismos, ordenanças seladoras) são necessárias para o progresso e a exaltação dos vivos e dos mortos.

Se alguém deseja ir ao templo para casar-se, precisa primeiro receber seu próprio **endowment.** Se fôr do sexo masculino, é preciso que seja portador do Sacerdócio de Melquisedeque.

Se a pessoa fôr casada no civil há menos de um ano, ou se seu batismo na Igreja ocorreu há menos de um ano da data prevista para sua primeira ida ao templo, ela poderá fazê-lo sòmente mediante uma permissão especial da Primeira Presidência, em forma de carta, autorizando seu prematuro selamento e/ou **endowment.**

Para casar-se no templo, a pessoa necessita de uma licença de casamento válida no país, estado, município ou jurisdição civil no qual se localiza o templo.

A Recomendação

Antes de uma pessoa poder entrar num templo, entretanto, é preciso receber uma chamada "recomendação" do respectivo bispo e presidente da estaca. Caberá a ela solicitá-la ao seu bispo. Haverá, então, uma minuciosa entrevista conduzida primeiro pelo bispo, e a seguir, pelo presidente da estaca, a fim de determinar se ela —

1. Possui um testemunho do Evangelho.



2. Apóia as autoridades locais e gerais.
3. Aceita e segue os ensinamentos e programas da Igreja.
4. Observa a Palavra de Sabedoria, incluindo a abstenção do uso de drogas perniciosas.
5. É moralmente pura (livre de adultério, fornicação, homossexualismo etc.)
6. É membro digno da Igreja.
7. Está livre de embaraços legais.

Se a pessoa se considerar digna, e o respectivo bispo achar o mesmo e conceder-lhe uma recomendação, e tiver uma atitude de fé e sincero desejo, e de confiança no Senhor, então ela poderá esperar usufruir uma das mais maravilhosas experiências da vida na casa do Senhor.

Vestuário

As pessoas que entram no templo para serem casadas ou participarem das demais ordenanças sagradas, trocam o vestuário comum e cotidiano por uma vestimenta simples e tôda branca. O Élder Hugh B. Brown explicou os motivos para tal:

"Aqui não deixaremos de lado apenas as roupas usadas na rua, mas também os pensamentos mundanos, tentando não sòmente vestir nosso corpo com puro tecido branco, mas também a mente em pureza de pensamento. Possamos tirar proveito da palavra falada e, o que é ainda mais duradouro e impressivo, receber instrução do Espírito."

Todo o vestuário necessário para participar das ordenanças no templo poderá ser obtido ali mesmo. Será conveniente a pessoa interessada discutir êste particular com seu bispo ou presidente do ramo antes de sua visita ao templo.

É conveniente também saber-se que, na primeira visita ao templo, nenhuma pessoa fica entregue a si mesma. Os oficiais, recepcionistas e outras pessoas designadas a trabalhar no templo ajudá-la-ão, para tornar o evento uma experiência maravilhosa e significativa.

O "Endowment" (Investidura)

Antes de uma pessoa poder casar-se (ou ser selada como marido e espôsa) no templo, precisa ter recebido as ordenanças do **endowment** (investidura).

O que é um **endowment?**

"Permitam que vos dê uma definição em

poucas palavras. Vosso **endowment** é receber na casa do Senhor tôdas aquelas ordenanças necessárias, após terdes partido desta vida, para habilitar-vos a retornar à presença do Pai, passando pelos anjos postados como sentinelas, sendo capazes de dar-lhes as palavras-chave, os sinais e as senhas pertencentes ao santo Sacerdócio, e ganhardes vossa exaltação eterna, a despeito da terra e do inferno." (**Discourses of Brigham Young**/Deseret Book Co., 1941/, p. 416)

Ao receber o **endowment,** a pessoa terá instruções relativas aos propósitos e planos do Senhor na criação e povoação da terra e na exaltação de seus filhos na vida futura.

O Élder James E. Talmage, ex-membro do Conselho dos Doze, deu-nos uma clara descrição do **endowment:**

"O **Endowment,** da forma em que é administrado nos templos modernos, inclui instruções relacionadas ao significado e sequência das dispensações passadas, e a importância da presente dispensação como a maior e a mais magnífica era da história humana. Êste curso de instruções inclui uma exposição dos acontecimentos mais proeminentes do período da criação, a condição de nossos primeiros pais no Jardim do Éden, sua desobediência e consequente expulsão daquele local abençoado, sua condição no triste mundo deserto, condenados a viver do trabalho e suor, o plano de redenção pelo qual o grande pecado poderia ser expiado, o período da grande apostasia, a restauração do Evangelho com todos os seus antigos poderes e privilégios, a absoluta e indispensável condição de pureza e devoção pessoal ao que é certo na vida presente, e uma estrita submissão aos requisitos do Evangelho...

As ordenanças do **endowment** incluem certas obrigações por parte do indivíduo, tal como o convênio e a promessa de observar a lei de perfeita virtude e castidade, de ser caritativo, benevolente, tolerante e puro; de devotar tanto os talentos como os meios materiais à propagação da verdade e do enaltecimento da raça; de manter devoção à causa da verdade; e de procurar, por todos os meios, contribuir para a grandiosa preparação, a fim de que a terra esteja pronta para receber seu Rei — o Senhor Jesus Cristo. Junto com todo convênio e aceitação de cada dever, é pronunciada uma promessa de bênção dependente da fiel observância das condições.

"Nenhum jota ou til, ou traço dos rituais do templo tem outra finalidade senão o de enaltecimento e santificação. Em cada detalhe, a cerimônia do **endowment** contribui para uma vida de moralidade, consagração da pessoa aos ideais elevados, devoção à verdade, amor à pátria e fidelidade a Deus." (James E. Talmage, **A Casa do Senhor,** p. 75)

O verbo "to endow" (Dotar, investir. N. do T.) significa enriquecer, dar alguma coisa duradoura e de muito valor a uma pessoa. As ordenanças do **endowment** enriquecem em três sentidos:

1. Ao recebedor da ordenança, é dado poder de Deus. "Os receptores são investidos com poder do Alto" (Presidente Bruce R. McConkie, do Primeiro Conselho dos Setenta.)
2. O recebedor também é dotado de informação e conhecimento. "Êles recebem conhecimento referente aos propósitos e planos do Senhor..." (Presidente McConkie)
3. Quando selada junto ao altar, a pessoa recebe gloriosas bênçãos, poderes e honras como parte de seu **endowment.**

O **endowment** é uma bênção sumamente importante e significativa, e o Senhor deseja que seus filhos dignos a recebam. Todos vocês deveriam antecipar o dia em que receberão seu próprio **endowment** (investidura).

Bênçãos Sagradas, Não Secretas

As ordenanças do templo são tão sagradas, que não estão abertas à visão do público, sendo destinadas sòmente aos que se qualificam por meio de uma vida justa. São realizadas em locais especialmente dedicados a êsse propósito. Sua natureza altamente sagrada impede que sejam descritas pormenorizadamente fora do templo.

Muitas bênçãos são derramadas sôbre quem recebe e respeita essas ordenanças sagradas, tão necessárias à exaltação. A participação nos trabalhos do templo proporciona instrução dinâmica, intensa e proveitosa dos princípios do Evangelho, pois o templo é um lugar de contemplação e oração.

O templo é um santuário apartado do mundo, um pedaço do céu na terra, e tôda pessoa deve continuar vivendo retamente, para que possa ir sempre ao templo e renovar seus convênios.

VIDAS TRANSFORMADAS

Edwin O. Haroldsen

Tanto hoje em dia como em tempos idos, as pessoas que aceitam o Evangelho de Jesus Cristo frequentemente vêem sua vida dramàticamente transformada.

Os membros novos comumente fazem mudanças drásticas em suas atividades diárias, em seu modo de viver: ganham novos amigos, estabelecem novas metas. Podem até achar necessário mudar de emprêgo, talvez numa cidade ou num país diferente, satisfazendo-se com menos dinheiro ou menor prestígio. Talvez tenham que suportar pesares e derramar lágrimas, quando entes queridos não conseguem entender a nova visão que agora possuem. Não obstante, podem provar um amor que nunca antes sentiram em sua vida, descobrindo, como o fêz Paulo, que sua alegria é a alegria alheia. (Vide 2 Cor. 2:3)

A história de tais pessoas é usualmente rica em espiritualidade e um testemunho animador. Vejam as experiências da converção desta família SUD nascida na Europa:

O abrir da porta aos dois mórmons transformou a vida da família Herrey, da Suécia.

"Disseram-nos em sueco horrível que eram missionários vindos da América," recorda Gerd Herrey, "e queriam conversar conosco sôbre uma mensagem. Senti que possuíam um espírito muito forte. Pareciam excelentes rapazes.

"Meu marido explicou que tinha que voltar ao trabalho e que não poderia recebê-los agora, mas talvez em outra hora. Por isso marcamos outro encontro e êles voltaram a nos procurar."

Foi assim que Willy e Gerd Herrey travaram conhecimento com a Igreja, em Sollefteä, Suécia, no ano de 1956.

"Desde o primeiro momento, eu soube que êles tinham algo pelo que eu estivera esperando há muito, muito tempo," conta Gerd. "Mas não queria dizer-lhes o que sabia, e assim fizemos-lhes uma porção de perguntas difíceis procurando confundí-los. Mas não o conseguimos. Êles tinham respostas convincentes para tudo."

Quando os missionários falaram de um profeta vivo, ela lembrou-se de uma coisa que dissera à mãe, quando menina: "Não seria maravilhoso ter um profeta por perto?!"

Mais tarde, em Enköping, outra localidade sueca, a mãe de Willy apresentou Gerd a um grupo de amigos, dizendo: "Esta é minha nora, espôsa de Willy. Ela está muito interessada na Igreja Mórmon."

"Êles começaram a falar mal da Igreja," recorda Gerd," dizendo coisas que nunca ouvira. Achei isso muito estranho.

"Oh, não, isto não é verdade!" retruquei, e perguntei se desejavam escutar o que os missionários nos haviam ensinado. Contei-lhes a história de Joseph Smith. Todo mundo ficou muito quieto. Finalmente, uma senhora idosa que fôra missionária metodista na África, por muitos anos, falou, dizendo:

"'Se isto fôr verdade, é maravilhoso!'"

Gerd tinha apenas vinte e dois anos. Disse-lhes que não sabia muito sôbre a Igreja Mórmon.

"'Mas uma coisa eu sei,' afirmou, 'que é a verdade.'

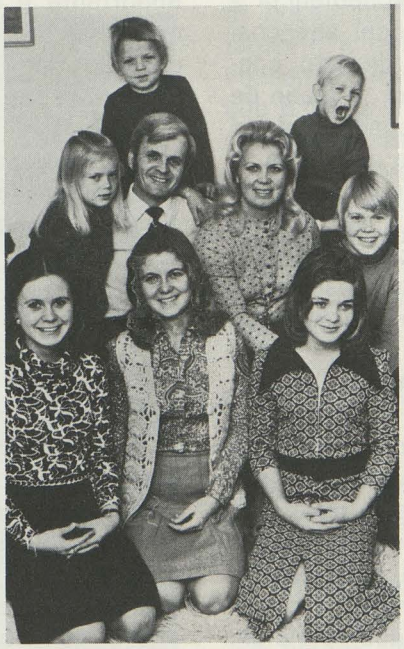
"Depois, senti-me tão contente, que poderia ter dançado para êles. E a caminho de casa, cantei, dancei e ri. Se alguém me tivesse visto assim, teria pensado que eu estava maluca."

Pouco tempo depois, seu marido também obteve um testemunho e foram batizados.

Naquela época, Willy era editor noturno do jornal de Sollefteä, chamado **Nya Norrland.** "A princípio, achamos que Willy iria ter dificuldades lá na redação do jornal, porque mexiam com êle. Mas, quando notaram que estava sendo sincero, êles deixaram de fazê-lo," conta Gerd.

Posteriormente, a família mudou-se para Strömstad, pequena cidade na costa ocidental da Suécia, onde não havia mórmons. A despeito da oposição das outras igrejas, dentro de dois anos lá havia um ramo da Igreja, com Primária, Escola Dominical e uma florescente AMM.

Outras igrejas intensificaram seus



Dr. Haroldsen, professor associado de comunicações da Universidade de Brigham Young, era editor regional do U.S. News and World Report, **antes de ingressar no corpo docente da BYU. Ex-bispo e sumo conselheiro, atualmente serve como secretário do Sacerdócio Aarônico-Adultos, na Ala XIV de Orem, Estaca Sharon Oeste.**

ataques ao pequeno grupo mórmon. Em 1963, foi enviado para lá um famoso ministro sueco, a fim de "esclarecer todo o mundo sôbre nossa Igreja," recorda Gerd. Durante algum tempo, estivera advertindo os suecos contra "as meias de nylon, goma de mascar de bola e os mórmons" da América. Publicou no jornal local um artigo contando ao povo quão ruim era a Igreja.

Planejou-se uma reunião pública, na qual aquêle ministro falaria sôbre os mórmons de Strömstad. No auditório do ginásio local, comprimia-se uma audiência de mais de quinhentas pessoas. Chegaram repórteres de rádio e televisão para noticiarem o acontecimento, e também entrevistaram Willy, que era presidente do ramo e naquela época trabalhava como correspondente de jornal.

"Depois de o ministro ter falado contra os mórmons durante hora e meia, as pessoas começaram a fazer perguntas, conta Willy. "O médico que costumava atender nossa família perguntou-lhe por que estava tão preocupado com os mórmons. Lembrou ao ministro que os suecos não se deixavam enganar fàcilmente. Suas palavras provocaram os maiores aplausos da noite."

Poucos meses depois, Gerd dirigiu-se a outra localidade, Jököping, em virtude de uma designação da Primária do distrito. Uma senhora apresentou-se e disse: "Li nos jornais sôbre os terríveis ataques desfechados contra o bravo grupinho mórmon lá em Strömstad. Quando os missionários bateram à minha porta, eu os recebi. Estou tão feliz por tê-lo feito! Agora sou um membro da Igreja."

Enquanto residia em Stenungsund, perto de Göteborg, em 1966, Gerd conversou com sua vizinha, Hjördis Kärn, acêrca da Igreja; antes de os Herrey se mudarem, ela foi batizada. Pouco depois, também seu marido Bengt filiou-se à Igreja, sendo atualmente o presidente do ramo de Lulëa, "a terra do Círculo Ártico" na Suécia.

Depois de Bengt ter sido chamado para seu cargo na Igreja, Willy declarou durante uma reunião de testemunhos: "Minha mulher conseguiu um ramo inteiro para a Igreja. Agora ela arranjou também o presidente do ramo."

Na cidade portuária de Göteborg, onde residem, atualmente, os Herrey estavam cantando juntos durante uma reunião familiar, quando apareceu um vizinho judeu, Tony Levin, para ouvi-los cantar. Dentro de um mês, êle e sua espôsa Masza tornaram-se membros. Agora estão fazendo um belo trabalho como líderes distritais da AMM em Estocolmo, segundo relata Willy, que estêve presente quando há pouco os Levin com suas três filhas foram selados no templo da Suíça, em Berna.

Hoje, catorze anos depois de se filiarem à Igreja, os Herrey continuam ativos e felizes na Igreja, contribuindo com a sua parcela para promover a obra do Senhor. São membros do Ramo I em Göteborg, Suécia, a segunda principal cidade do país. Êles têm tido muitas oportunidades de prestar seu testemunho a importantes pessoas da Suécia, falando-lhes sôbre a Igreja.

Willy tem publicado notícias da Igreja em numerosos jornais. Escreveu uma série de artigos acêrca de famílias felizes, incluindo num dêles a história de outra família convertida à Igreja.

Hoje em dia, êle é um dos principais colaboradores da edição especial dominical do jornal Göteborgs-Tidningen. Quando, recentemente, Thor Heyerdahl cruzou o Atlântico em seu barco de papiro, o **Ra,** o Irmão Herrey escreveu artigos comparando essa travessia às viagens de Jared e Léhi, conforme são relatadas no Livro de Mórmon. Pouco depois, um conhecido jornal da Noruega, pátria de Heyerdahl, publicou longo artigo baseado nos escritos de Irmão Herrey.

Em 1968, Gerd foi uma das dez finalistas no concurso para escolha da mãe do ano, na Suécia. No dia decisivo, ela orou, não para ganhar o concurso, mas pela oportunidade de poder "pregar o Evangelho a alguém de hoje." E naquele mesmo dia, durante um almôço, aconteceu sentar-se ao lado de um dos principais editores de revistas da Suécia.

"Êle sabia que eu era mórmon e por isso perguntou-me uma porção de coisas acêrca da Igreja. Ainda hoje continuamo-nos correspondendo. Êle tem a Igreja em alta conta," diz ela.

No dia após o concurso, uma das demais finalistas chamou-a por telefone interurbano, para perguntar-lhe o que a tornava tão diferente. "Conversamos por mais de uma hora. Prestei-lhe meu testemunho e falei sôbre a Igreja." Os missionários começaram a ensinar essa senhora.

Os sete filhos do casal também são missionários entusiastas, estando profundamente envolvidos nas atividades da Igreja — aulas, ensino, cargos de secretaria, música, dança e esportes.

Willy é conselheiro na presidência do ramo; Gerd faz parte da junta distrital da AMM e leciona na Primária.

Pai, mãe e filhos — êstes entre dez e dezoito anos de idade — entregam jornais antes de o sol nascer. Êles também adestram e vendem cavalos. No verão, dirigem uma fazenda de férias em Strömstad para quatrocentas a seiscentas crianças provenientes da Suécia, Noruega e Finlândia. Quando começa o dia para a maioria das pessoas, os Herrey já estiveram trabalhando por várias horas. Após o trabalho e horas de estudo, o dia termina com as atividades na Igreja. Nas noites de segunda-feira — dia de reunião familiar — costumam cantar e tocar instrumentos musicais.

Êles estão por demais atarefados e interessados na vida para sentirem-se infelizes.



Uma Noite Sem Condução

Margaret Bromley

FICÇÃO

E svaziando a xícara, Jim Ferguson afastou a cadeira e levantou-se. Por um momento, ficou a ouvir o ulular da ventania que fustigava o vale solitário, metendo suas garras na cobertura da velha casa de fazenda no sertão australiano.

— Será que o telhado agüentará, querida? perguntou a Mary, sua bonita espôsa de cabelos castanhos, que se voltava das chamas crepitantes do fogão a lenha.

— Se não agüentar — ela replicou sorrindo — você terá que ir lá fora e consertá-lo!

Jim percebeu um leve traço de apreensão em sua voz, quando acrescentou:

— Jim, você acha que conseguirá terminar o consêrto do caminhão, hoje?

Com uma resposta um tanto vaga, Jim agarrou o blusão úmido e meteu-se nêle, sentindo o frio percorrer-lhe os largos ombros.

— Ficar aqui dentro de casa é que não vai consertá-lo — replicou sêcamente. Deu-lhe um breve beijo, quando ela o seguiu pela passagem até à porta com passos pesados e lentos, já no oitavo mês de gravidez. Passan-

---

A Irmã Bromley, nascida na Inglaterra, emigrou para a Austrália Ocidental em 1963, e lá filiou-se à Igreja. Mãe de três filhos, serve como professôra de refinamento cultural na Sociedade de Socorro e da classe das Mãos Alegres, na Primária da Ala V Perth.

do o braço em tôrno de suas espáduas, tentou não deixá-la perceber sua própria preocupação.

— Jim... — hesitou, tocando implorante o braço dêle — hoje é a noite em que vêm os mestres familiares, lembra-se?

— Está bem — murmurou, escancarando a porta.

O vento atingiu-o com fúria demoníaca, ao sair para a noite tormentosa e abrir caminho para o celeiro e o veículo enguiçado. Uma vez a salvo, livre dos golpes da ventania, arremedou um sorriso para si mesmo ao acender a luz. Sòmente um louco ou fanático arriscaria a jornada de quarenta quilômetros num tempo daqueles, pensou, e além do mais, os mestres familiares eram gente da cidade não acostumada aos riscos de uma noite como esta. Jim tinha suas dúvidas se a dedicação dêles iria estar à altura do momento. Se estivesse, deveria haver mais naquela igreja do que conseguira descobrir nos dois anos de filiação! Mas, seria injusto da parte dêle não reconhecer a persistência dos irmãos Williams e Marsh. Até o presente, nunca haviam falhado em suas visitas mensais e, bem lá no fundo, Jim esperava que, de alguma forma, conseguiriam aparecer, a despeito da tormenta.

Enquanto trabalhava no veículo avariado, seus pensamentos voltaram àquele dia, há dois anos, em que êle e Mary se haviam filiado à Igreja. Temera fazer papel de bobo ao ficar ali na água, ouvindo as palavras da oração batismal. Depois, tivera uma sensação de revigoramento — como se estivesse no limiar de uma nova vida.

Então, êle e Mary viram-se envolvidos no turbilhão das atividades da Igreja. Dentro de um mês, fôra ordenado diácono; logo depois, foi a mestre. Seguiu-se o cargo de assistente do superintendente da Escola Dominical. Viu-se dedicando mais e mais tempo e energia ao trabalho da Igreja, porém valia a pena. Ano e meio após o batismo, Jim fôra ordenado um élder, e o Irmão Williams, para celebrar o acontecimento, presenteou-lhe um pequeno frasco de óleo consagrado, dizendo:

— Agora, Irmão Ferguson, prossiga e viva seu Sacerdócio. Depois da vida em si, o Sacerdócio é a maior bênção que você pode ter. Tire proveito dêle.

Então as coisas mudaram — a princípio tão insidiosamente, que não dava para perceber. Talvez houvessem começado quando o trator enguiçou. Estando próxima a época da semeadura, Jim lançara mão do dinheiro do dízimo para reparar o trator, sempre prometendo a si mesmo de algum dia repô-lo. Depois, a semeadura teve prioridade, sua frequência às reuniões tornou-se incerta, finalmente cessando por completo, ao devotar-se às mil tarefas que repentinamente apareceram na fazenda.

Logo, o dia do Sábado tornou-se para Jim apenas um outro dia de trabalho do nascer ao pôr-do-sol. Uma vez por mês, sempre na noite da segunda sexta-feira, apareciam os zelosos mestres familiares, obrigando-o a suportar meia hora de consciência atormentada, enquanto o censuravam jocosamente por não aparecer na capela.

Jim tinha que admitir a si próprio que eram homens excelentes, apenas pareciam não compreender que cultivar o solo era um trabalho interminável, exigindo todos os dias da semana, da manhã à noite. Simplesmente não restava tempo para hinos e sermões. Nessa profissão, adorava-se Deus com "o suor do seu rosto", senão tôda a família teria que passar fome.

Jim girou furiosamente a chave de fenda — a braçadeira partiu-se com um estalo. Praguejou baixinho e remexeu por tôda a caixa de ferramentas, sabendo muito bem que não tinha nenhuma braçadeira sobressalente. Abor-

recido, atirou a chave de fenda na caixa, onde ela aterrou retinindo.

Aí está, pensou, **nada de condução por hoje.**

O vento o apanhou ao conseguir abrir a porta, puxando-o, uma vítima relutante, para a chuva torrencial. Antes de atravessar o pátio, seu blusão já estava novamente ensopado, fazendo-o tremer com a fria umidade.

Enfim, alcançou o abrigo confortador da casa rural. Ao empurrar a porta, impedindo que a tormenta invadisse o abrigo, notou quase que imediatamente a existência de um elemento maligno na atmosfera da casa. Uma certeza instintiva dizia-lhe que algo, em alguma parte dela, estava errado.

Correu apressado até à cozinha. Viu uma cadeira derrubada, a chaleira no chão e Mary caída, sem sentidos, numa poça de água escaldante.

O tempo parou como que suspenso na eternidade, durante os segundos que levou para compreender o que via. Depois, sentiu-se atingido como por um golpe em alguma parte dêle que ignorava existir. Ao virar Mary de costas, viu-se tomado de pânico. Uma equimose lívida já se transformava em inchaço na têmpora esquerda onde batera no chão, além das grandes manchas rubras nas faces e braço, provocadas por queimaduras da água fervente. Estava inconsciente, olhos cerrados sob as pálpebras arroxeadas. Jim sentiu um mêdo irracional de que ela se fôra para nunca mais voltar. E a criança — aquela vida dentro dela também teria ido? Para sempre?

No mesmo instante, Jim recordou que a única condução de que dispunham estava lá no celeiro, quebrada e inútil, naquele momento em que mais necessitava dela. Olhou em tôrno desamparadamente, depois correu para apanhar um cobertor. Com movimentos desajeitados e ansiosos, agasalhou a mulher com êle. Seus pensamentos vagueavam em pânico, incoerentes, enquanto tentava pensar no que fazer.

A caixa de remédios! Talvez contivesse alguma coisa que pudesse usar. Em duas passadas, alcançou o pequeno armário de parede e escancarou a porta. Ao revirar frenèticamente vidros e tubos, seus dedos encontraram um pequeno frasco branco de plástico. Por um momento, olhou-o sem reconhecer e estava prestes a jogá-lo de volta, quando uma recordação despertou em sua mente. Então, lembrou-se claramente. Aquilo era óleo consagrado — o óleo que lhe fôra dado pelo Irmão Williams no dia de sua ordenação. E agora, era inútil — inútil, porque colocara o trator acima do dízimo e o trabalho da fazenda acima das reuniões da Igreja.

Então, veio-lhe à mente a verdade: "Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça..." E êle, Jim Ferguson, havia falhado. Havia falhado perante Deus, seu Sacerdócio e a Igreja. Havia falhado perante Mary, a pessoa a quem mais amava no mundo. E, acima de tudo, havia falhado perante o filho por nascer.

Mary continuava sem sentidos e êle sabia que tinha que fazer alguma coisa. Olhou fixamente o frasco em sua mão; depois, os dedos fecharam-se firmemente sôbre êle. Oração! Êle precisava orar — e orar com tôda a fôrça.

Ajoelhou-se junto a Mary, sentindo um súbito tremor ao imaginar o que tinha que fazer, a fim de chamá-la de volta do estranho semi-mundo em que se encontrava. Agora chegara a hora de ir adiante e viver seu Sacerdócio, conforme disse o Irmão Williams, seis meses atrás. Jim sentiu terrível solidão e um quase que doloroso anseio de ouvir a voz confortadora daquele irmão, mas um olhar ao relógio mostrou-lhe que já passava uma hora do horário costumeiro da visita dos mestres fa-

miliares. Afinal, o mau tempo os derrotara, e precisava prosseguir sòzinho.

Jim sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos ao tentar recordar-se das palavras da bênção; no entanto, elas surgiam confusas e desconexas, sem que conseguisse ordená-las. Fêz um supremo esfôrço para falar, mas as palavras, semi-articuladas, travaram-lhe a garganta. Arquejou penosamente, enchendo os pulmões aos soluços, enquanto as lágrimas rolavam por suas faces contorcidas. Erguendo desesperadamente as mãos firmemente cruzadas acima da cabeça, finalmente conseguiu falar.

— Ó Deus — clamou — perdoa os meus pecados! Estou arrependido, Senhor! Ajuda-me — oh, por favor, ajuda-me!

Jim respirou profundamente e vergou-se novamente para o chão. Os acontecimentos dos últimos seis meses passaram por sua mente e sabia ter chegado a hora de voltar-se mais uma vez ao Deus que lhe dera a vida e um lugar na terra. Os mestres familiares estavam certos — êle precisava voltar à atividade na única igreja verdadeira. Sabia que o retôrno exigiria determinação, porém iria esforçar-se, pelo bem de Mary e da criança ainda por nascer.

Voltou a colocar as mãos sôbre a cabeça da espôsa, cerrando os olhos. As palavras vieram, vacilantes e inseguras: "Mary Ferguson..." Não, assim estava errado — tinha que ser o nome completo. Mary Eleanor Ferguson, era isto — Mary Eleanor Ferguson.

Ao abrir a bôca para recomeçar, sentiu outro par de mãos juntando-se às suas sôbre a cabeça de Mary, os dedos transmitindo calor e segurança ao tocar os dêle. Atônito, levantou a cabeça e encontrou-se olhando dentro dos olhos calmos, compassivos do Irmão Williams. O Irmão Marsh estava ajoelhado ao lado dêle.

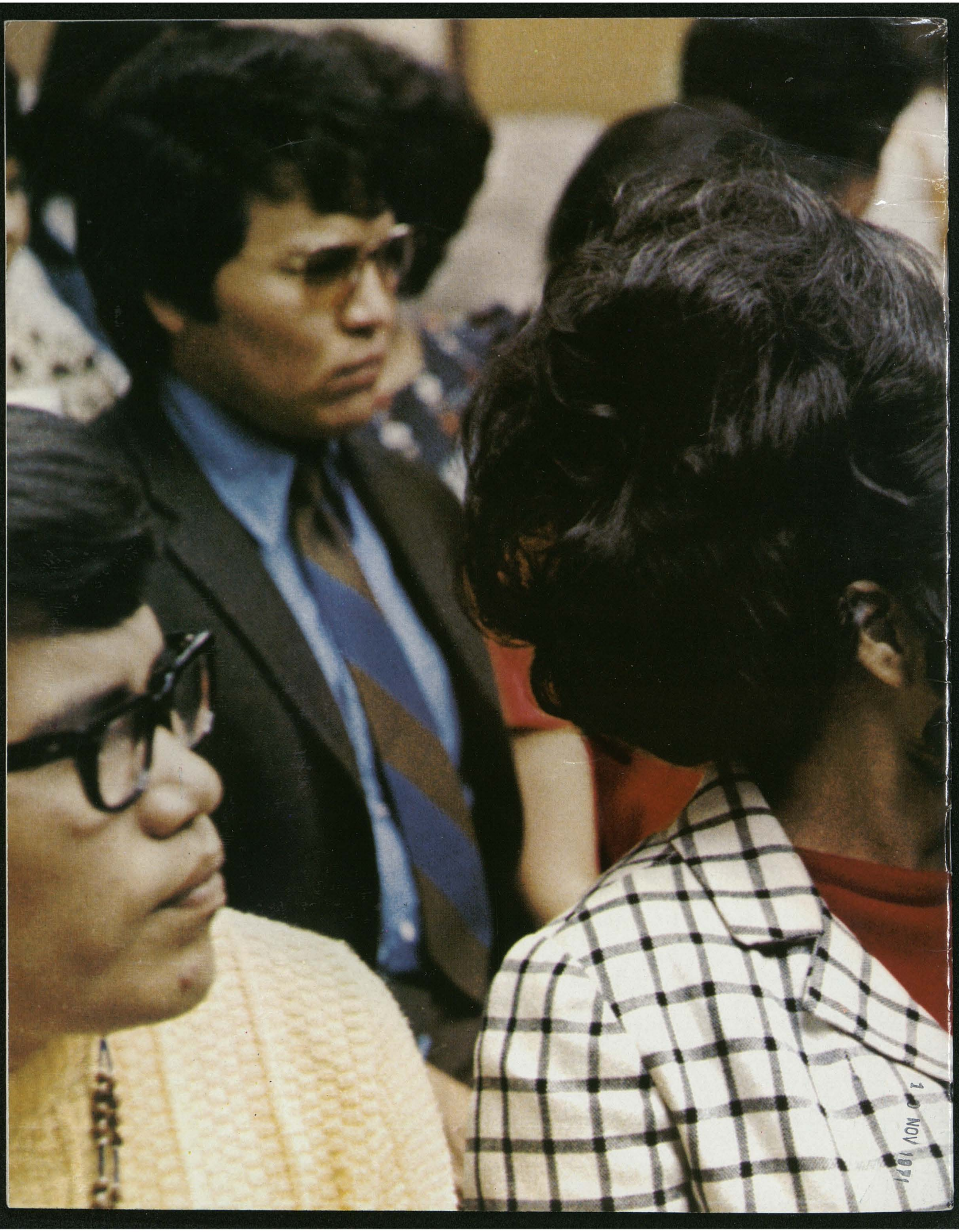
Penalidades Inevitáveis

Richard L. Evans

Existe uma notável frase de Platão referente ao motivo para não agir mal. "Tivesse eu certeza de que Deus me perdoaria," disse êle, "e os homens ignorassem meu pecado, ainda assim deveria envegonhar-me de cometê-lo, por causa de sua baixeza intrínseca." Isto quer dizer que, além das convenções, além dos costumes, além mesmo dos mandamentos, existe no homem algo de intrínseco que pagará uma penalidade, se êle não se conduzir dignamente e com respeito próprio, honrando o propósito e leis da vida.

Feito à imagem de seu Criador, o homem precisa viver de modo a sentir auto-respeito, achar-se interiormente limpo e confortável. Mas, um dos problemas é que, pelo menos de modo coletivo, aparentemente sempre procuramos imunidade às conseqüências de nossas próprias ações — uma espécie de indulgência que deseja contornar as penalidades. Parecemos esquecer o senso de causa e efeito, o senso do que faz as coisas acontecerem. Há uma exagerada preocupação de como evitar as conseqüências do viver errado, e pouquíssima a respeito de viver como deveríamos para não ter preocupação. De certo modo, esquecemo-nos de que há certas coisas que não podemos fazer sem surgirem os resultados. Não se pode ser imoral sem, de uma forma ou de outra, pagar o preço da imoralidade. Não se pode interferir nas fontes da vida, sem ficar embrutecido e ìntimamente mudado. Nós queremos tônicos. Desejamos que alguém nos diga que as coisas não são assim, que está certo fazermos aquilo que não deveríamos. Mas há uma coisa que jamais devemos esquecer — que existe um processo pelo qual certos produtos são produzidos, um procedimento para se obterem certos resultados, não meramente devido a convenções, nem mesmo apenas por causa de mandamentos, mas devido à própria natureza do homem — o que êle é, para o que está aqui e o que poderá tornar-se.

E o recurso certo é não fazer aquilo que certamente desejaremos não ter feito. Em outras palavras: Não faça coisa alguma da qual não queira provocar o resultado. "Tivesse eu certeza de que Deus me perdoaria, e os homens ignorassem meu pecado, ainda assim deveria envergonhar-me de cometê-lo, por causa de sua baixeza intrínseca."


10 NOV 1971